

ANAIS



18º ENCONTRO DO SABER PSICANALÍTICO



As travessias clínicas do sujeito

Sinpesp - Sindicato dos Psicanalistas do Estado de São Paulo

Diretoria 2025 - 2027

Presidente

Araceli Albino

Primeiro Vice-Presidente

Elizandra Rodrigues De Souza

Segundo Vice-Presidente

Alexandros Nikolaos Methenitis

Primeira Secretária

Paula Fernandes Moreira

Segunda Secretária

Monica Abete

Primeira Tesoureira

Josefa Honorina do Carmo

Segunda Tesoureira

Marcia Jarretta Mélega

Conselho Fiscal

Membros Efetivos

Maria Teresa Mendonça de Barros

Norberto Bueno dos Santos Bitencourt

Renato Liberman

Membros Suplentes

Odair Cateringer

Silvia Herszkowicz

Thais Cristina Negrisoni Velecico

Comissão Permanente de Ética e Fiscalização Profissional (COPEFIP)

Gilberto Lopes de Souza

Deniz Lorencetti Sanchez

Francinéia Fabrizzio Aparecido

Marcia Martins Teixeira

Rosineide de Melo

Talissa Violim Mercurio

Comissão Científica e Eventos

Adriana Stefani Gava

Casimiro Moisés Rodrigues

Fabricio da Silva

Gregor Osipoff

Marcelo Barreiros Rodrigues

Najla Gergi Krouchane

Patrícia Braz

Tânia Maria Dos Santos

Comissão Organizadora do 18º Encontro do Saber Psicanalítico

Dra. Araceli Albino - Presidente do SINPESP

Dra. Najla Gergi Krouchane - Diretora do SINPESP

Tania Maria dos Santos - Diretora do SINPESP

Adriana Ferreira da Costa - SINPESP

Gregor Osipoff - Diretor do SINPESP

Coordenação Científica

Dra. Najla Gergi Krouchane - Diretora do SINPESP

Apoiadores

CD.G Editora

Ficha técnica da produção do Livro

Editor

Gregor Osipoff

Capa e diagramação

CD.G Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anais do 18º Encontro do Saber Psicanalítico
[livro eletrônico] : as travessias clínicas do
sujeito / organização Araceli Albino ...
[et al.]. -- São Paulo : CD.G Casa de
Soluções e Editora, 2026.
eBook

Vários autores.

Vários colaboradores.

Outros organizadores: Najla Gergi Krouchane,
Tania Maria dos Santos, Adriana Costa Ferreira
Bibliografia.

ISBN 978-85-62693-53-3

1. Psicologia 2. Psicanálise 3. Psicanálise
clínica I. Albino, Araceli. II. Krouchane, Najla
Gergi. III. Santos, Tania Maria dos. IV. Ferreira,
Adriana Costa.

26-389296.0

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise clínica : Psicologia 150.195

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

Sumário

Apresentação	7
--------------------	---

Resumos

ENTRE O SANGUE E A LEI:

O código de Harry e a fragilidade da lei em Dexter Morgan...	11
--	----

Clarissa Arantes ombardi

Araceli Albino

ENTRE RETRAIMENTO E VITALIZAÇÃO:

Núcleos de Vitalidade na Clínica dos Estados

Não Representados	13
-------------------------	----

Milton Jeronimides

INFÂNCIA NO TEMPO DO DESEMPENHO ADULTO:

o borderline como sintoma cultural	16
--	----

Flávia Carnelli Frizzera Pinheiro

Najla Gergi Krouchane

NO TAPETE TAMBÉM SE FAZ ANÁLISE:

e a elasticidade da técnica com isso?	19
---	----

Marcio Bernardino Sirino

PSICANÁLISE E AUTISMO:

Uma Abordagem Psicodinâmica para a Subjetividade e

alIntervenção Terapêutica	21
---------------------------------	----

André dos Santos

PSICANÁLISE, PRÉ-MENOPAUSA E MENOPAUSA:

diferentes visões e desafios para a clínica.....	22
--	----

Luciana Iser Setúbal

Capítulo I

Psicopatologias, Estruturas Clínicas e Sintomas Contemporâneos

A CLASSE SOCIAL IMPORTA EM UM TRATAMENTO ANALÍTICO?	27
--	----

César Augusto de Assis Silva

A SOMBRA DO OBJETO E O OLHAR À CÂMERA: uma leitura freudiana de Fleabag	38
--	----

Kátia B. Moura

María Elena Morán

DESASSOSSEGO E DESAMPARO NA CONTEMPORANEIDADE: diálogos entre a psicanálise e literatura	52
---	----

Vanessa Castilho

Capítulo II

Teorias e Práticas Psicanalíticas Clássicas e Contemporâneas

ASPECTOS TEÓRICOS E CLÍNICOS DO TRAUMA EM FREUD E FERENCZI	65
---	----

Roberta Agnes Mendes Melo

Adriana Stefani Gava

MISOGINIA: um sintoma social ou uma patologia individual.	80
---	----

Denise Aparecida Gomes Pereira

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO HIPERCONECTADA E O SUPEREU DIGITAL	96
--	----

Asafe Vaz Pereira

O MEDO DA CASTRAÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE	111
---	-----

Tatiana Almendra Dutra

Programa: 18º Encontro do Saber Psicanalítico	131
--	------------

Apresentação

O 18º Encontro do Saber Psicanalítico, promovido pelo Sindicato dos Psicanalistas do Estado de São Paulo, teve como eixo central o tema “As travessias clínicas do sujeito”, propondo o aprofundamento do diálogo entre teoria e prática na psicanálise contemporânea. O evento reuniu profissionais, pesquisadores e estudantes em um espaço de reflexão e interlocução sobre os desafios que se apresentaram na clínica atual, contemplando tanto as estruturas clássicas quanto os sintomas emergentes que atravessaram o sujeito em sua experiência singular e que demandaram novas leituras e abordagens. Nesta edição, além das palestras e mesas-redondas que tradicionalmente compuseram a programação, foi lançado o edital para apresentação de trabalhos, modalidade que abriu espaço para a participação ativa da comunidade psicanalítica e para a circulação de diferentes perspectivas teóricas e clínicas. Para a submissão, os autores encaminharam resumos elaborados de acordo com os critérios estabelecidos no edital. Após avaliação e aprovação, os trabalhos selecionados foram apresentados nos fóruns temáticos, que ocorreram de forma presencial e também remota, ampliando o alcance do encontro e possibilitando a participação de colegas de diversas regiões do país e do exterior. Após as apresentações, os autores tiveram ainda a oportunidade de desenvolver e submeter a versão completa de seus trabalhos, caso optassem por aprofundar suas contribuições. A proposta de apresentação de trabalhos teve como objetivo fomentar a construção coletiva do saber psicanalítico, valorizando a pluralidade de experiências

clínicas e de reflexões teóricas. Constituiu-se, assim, como um convite para que os participantes compartilhassem pesquisas, relatos de prática e elaborações conceituais, contribuindo para o enriquecimento do debate e para a circulação de ideias que atravessaram a psicanálise em sua dimensão clínica e cultural. O Encontro reafirmou, assim, seu compromisso histórico com a formação contínua e com a difusão da psicanálise, oferecendo um espaço de interlocução que privilegiou tanto a tradição quanto a inovação. Ao promover o diálogo entre diferentes gerações de psicanalistas e ao abrir espaço para novas vozes, o evento buscou fortalecer a comunidade psicanalítica, consolidar sua relevância no cenário científico e cultural e ampliar sua presença nos debates contemporâneos sobre o sujeito e suas travessias.

Dra. Araceli Albino

Presidente do SINPESP

Resumos

ENTRE O SANGUE E A LEI: O código de Harry e a fragilidade da lei em Dexter Morgan

Clarissa Arantes ombardi¹

Araceli Albino²

Resumo

O presente trabalho investiga a constituição psíquica do personagem Dexter Morgan, da série *Dexter* (2006–2013), a partir da teoria psicanalítica freudiana, considerando a relevância contemporânea de sujeitos que apresentam fragilidades na internalização da lei. Em um cenário clínico no qual se observa, com frequência, a dificuldade de simbolização e regulação dos impulsos, a análise de produções culturais torna-se uma via potente para a compreensão dos modos atuais de subjetivação. O objetivo deste estudo é analisar como, diante da insuficiente constituição do superego, o sujeito pode recorrer a uma lei externa — representada pelo Código de Harry

1 Graduada em Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV pela Faculdade Belas Artes. Formada em Psicanálise pelo Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP). Pós-graduada em Psicanálise pela Faculdade Einstein (FACEI). E-mail: psicanalista.clarissa@gmail.com.

2 Psicóloga e Psicanalista. Especialista em Psicanálise e Linguagem, Psicopatologia Psicanalítica e Contemporânea, Psicoterapia; Doutora em psicologia; e Coordenadora do Curso de Psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas - NPP, SP - Brasil. E-mail: araceli.albino@uol.com.br

— como tentativa de contenção da pulsão. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza teórica e qualitativa, baseada na análise interpretativa do personagem à luz das formulações de Sigmund Freud, especialmente no que se refere à constituição do superego em *O Eu e o Isso* (1923). Observa-se que, em Dexter, a lei não se apresenta como instância simbolicamente integrada, mas como um conjunto de regras impostas externamente, funcionando como uma forma de regulação baseada no controle e na evitação de punição, e não na culpa ou na interdição internalizada. Tal configuração evidencia uma fragilidade na constituição da lei psíquica, exigindo a criação de dispositivos externos para sustentar o laço social. Como contribuição, o estudo propõe compreender o Código de Harry como uma tentativa de organização psíquica diante da falha na internalização da lei, permitindo pensar Dexter não como um sujeito a ser reduzido a categorias diagnósticas, mas como expressão de uma subjetividade contemporânea marcada por impasses na relação com a lei, o desejo e a alteridade. Conclui-se que, diante dessa fragilidade, o sujeito recorre a construções externas para regular a pulsão, evidenciando modos de funcionamento psíquico que desafiam os modelos clássicos de estruturação.

Palavras-chave: Psicanálise, Superego, Lei, Pulsão, Dexter Morgan

ENTRE RETRAIMENTO E VITALIZAÇÃO: Núcleos de Vitalidade na Clínica dos Estados Não Representados

Milton Jeronimides¹

Resumo

A clínica psicanalítica contemporânea tem se deparado com um número crescente de sujeitos que apresentam formas persistentes de retraimento psíquico, frequentemente caracterizadas por

¹ Psicólogo clínico e psicanalista (CRP 06/155522). É doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo. Possui mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com dissertação dedicada ao estudo da rêverie e da matriz transferencial-contratransferencial na obra de Thomas Ogden, e especialização em Teoria Psicanalítica pela mesma instituição. Sua pesquisa concentra-se na clínica psicanalítica contemporânea, com ênfase nos estados primitivos da mente, nos estados não representados e nos processos de simbolização no campo analítico. Investiga particularmente as passagens entre retraimento psíquico e vitalização, explorando o papel do vínculo analítico, da rêverie e de mediadores simbólicos na transformação de experiências psíquicas inicialmente irrepresentáveis em formas pensáveis de experiência subjetiva. Sua investigação articula contribuições de autores como Freud, Wilfred Bion, Frances Tustin, Donald Meltzer, Anne Alvarez, Judith Mitrani, Bernd Nissen e Joshua Durban, com foco nas formas contemporâneas de sofrimento psíquico marcadas por retraimento, encapsulamento emocional e dificuldades de implicação subjetiva. Atua em consultório particular no atendimento de adolescentes e adultos. Paralelamente à prática clínica, participa de atividades de ensino e coordenação de grupos de estudo em psicanálise contemporânea, especialmente voltados à clínica do não representado, à rêverie e à escuta dos estados primitivos da mente. É autor de artigos publicados em periódicos psicanalíticos e coautor do livro *Novas Dimensões da Recusa* (Blucher, 2025).

isolamento social, empobrecimento da vida simbólica e dificuldades de engajamento subjetivo nas experiências da vida cotidiana. Em muitos desses casos, observa-se uma redução significativa da capacidade de investimento em vínculos, projetos e atividades que impliquem participação afetiva mais ampla no mundo. A experiência subjetiva tende a organizar-se em torno de zonas de retraimento, silêncio psíquico ou empobrecimento imaginativo, frequentemente acompanhadas por sensações de vazio, descontinuidade interna e dificuldades nos processos de simbolização. Paradoxalmente, porém, muitos desses pacientes preservam áreas específicas de investimento afetivo intenso, frequentemente ligadas a práticas estéticas, universos ficcionais, atividades lúdicas ou expressões culturais que mobilizam forte implicação emocional. Este trabalho parte da hipótese de que tais interesses podem constituir núcleos de vitalidade psíquica parcialmente dissociados do conjunto da experiência subjetiva, funcionando como zonas preservadas em contextos marcados por retraimento e fragilidade dos processos de simbolização. O objetivo desta pesquisa é compreender de que modo esses núcleos de vitalidade podem operar como mediadores clínicos na passagem entre retraimento e vitalização no processo analítico. Busca-se investigar como áreas aparentemente periféricas da experiência subjetiva podem tornar-se pontos de apoio para o trabalho analítico, favorecendo a emergência de novos modos de ligação psíquica e ampliando as possibilidades de elaboração simbólica. O estudo insere-se no campo das investigações psicanalíticas sobre estados não representados e retraimento psíquico, dialogando com contribuições de autores como Freud, Bion, Frances Tustin, Donald Meltzer, Anne Alvarez, Bernd Nissen e

Joshua Durban. Esses referenciais permitem compreender o retraimento não apenas como retirada libidinal ou expressão de conflitos intrapsíquicos, mas também como forma de organização defensiva diante de experiências emocionais precoces que não puderam ser simbolizadas, frequentemente associadas a falhas nos processos de continência emocional e nas condições necessárias à transformação da experiência em pensamento. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza clínico-teórica, baseada na análise hermenêutica de vinhetas clínicas provenientes da prática psicanalítica, bem como na reflexão sobre as transformações observadas no campo transferencial e contratransferencial ao longo do processo analítico. O método psicanalítico é compreendido como um processo investigativo que articula experiência emocional, observação clínica e elaboração conceitual.

Palavras-chave: Retraimento Psíquico; Estados Não Representados; Vitalização Psíquica; Simbolização; Continência Analítica.

INFÂNCIA NO TEMPO DO DESEMPENHO ADULTO: o borderline como sintoma cultural

Flávia Carnelli Frizzera Pinheiro¹
Najla Gergi Krouchane²

Resumo

Freud (1914), ao introduzir o conceito de *narcisismo primário*, mostra que a constituição do *Eu* depende de um investimento inicial voltado para si mesmo, sustentado pelo olhar do outro que confirma e valida a existência do infante. Winnicott (1982) aprofunda essa perspectiva ao enfatizar que a adaptação do ambiente e a presença de um olhar suficientemente bom são pressupostos básicos para sustentar a subjetividade nascente. Quando esse olhar é desinvestido ou o ambiente não se adapta às necessidades do bebê, surgem experiências que podem comprometer as bordas psíquicas e predisõem a estados limítrofes, entre eles a forma de organização psíquica *borderline*. De

1 Psicanalista de adultos e casais. Bióloga. Mestre em Comportamento Animal. Pós-Graduada em Terapia Familiar Sistêmica, em Psicanálise Clínica, e em Terapia de Casal Sistêmica. Pós-Graduada no curso de Psicanálise e Análise do Contemporâneo pela Pontifícia Universidade Católica - PUCRS. E-mail: flaviacarnelli@hotmail.com.

2 Doutora em Psicanálise pela Universidade Humanista da Américas - HUA. Psicanalista de crianças, adolescentes e adultos. Psicóloga Socioassistencial. Pedagoga. Psicopedagoga. Especialista em Psicanálise com crianças e adolescentes, em Psicanálise Lacaniana e em Psicopatologias Psicanalíticas. Docente nos cursos de formação e pós-graduação em Psicanálise na Escola Freudiana de Vitória e no Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas. Cursando Formação em Casal e Família pelo Instituto de Psicanálise Humanista – ITPH. São Paulo/SP, Brasil. ORCID 0000-0002-0281-4636. E-mail: najlaatui@hotmail.com.

acordo com Kohut (1971), falhas no espelhamento fragilizam a coesão do self. Mais adiante, Kernberg (1975) descreve a organização borderline como marcada pela difusão da identidade e instabilidade relacional, decorrentes da dificuldade em integrar self e objeto. Sob outro olhar, Ferenczi (1992), ao propor a teoria da *Confusão de Línguas*, mostra que o trauma decorre do desencontro entre a linguagem da ternura da criança e a linguagem da paixão do adulto, entendida como sexualizada e marcada por exigências que a criança não pode simbolizar. Em um cenário contemporâneo atravessado pela lógica do neoliberalismo, ampliamos essa noção propondo então a *Confusão de Tempos*, que evidencia o choque estrutural entre o universo infantil e o universo adulto neoliberal. O mundo da criança é marcado pela necessidade de bordas psíquicas que protejam contra a desintegração, pelo olhar estruturante do outro que confirma sua existência, pela dimensão de um tempo contínuo que permite contemplação e vínculo, e por um espaço de sustentação que garante continuidade e segurança. Esse é o mundo infantil da ternura, do jogo e da presença. Em contraste, o mundo do adulto na *Sociedade do Desempenho* (Han, 2015) é atravessado por pressões produtivistas impregnadas no inconsciente coletivo, levando à uma busca por sucesso e conforto. Nesse universo, o tempo é acelerado e funcional, não havendo espaço para contemplar, pensar ou experienciar o mundo e as pessoas. As relações são substituídas por desempenho, configurando “um mundo organizado para o desvinculo”. O sujeito do desempenho nada mais é do que um adulto cuja infância foi colonizada pela lógica produtiva, resultado de um colonialismo da infância (Ott & Picoli, 2022). Esse colonialismo se manifesta como forma de descuido, quando os adultos combatem a infância ao impor exigências precoces e ne-

gar o espaço de ternura. Birman (2014) discute que a subjetividade contemporânea é atravessada pela aceleração do tempo e pela fragmentação dos espaços sociais, o que compromete a experiência de vínculo e continuidade. Este trabalho propõe a ideia que a estrutura *borderline*, também pode ser compreendida como sintoma social da lógica neoliberal. A clínica *borderline* emerge como metáfora cultural, isto é, como representação simbólica de uma subjetividade tensionada entre dois diferentes regimes de tempo e vínculo: de um lado, o tempo contínuo e estruturante da infância; de outro, o tempo acelerado e desvinculado do adulto neoliberal. Essa perspectiva evidencia que o neoliberalismo compromete a função adaptativa do ambiente e fragiliza o narcisismo primário ao colonizar a infância com exigências de desempenho, produzindo subjetividades marcadas pela ausência de sustentação e pelo desvínculo.

Palavras-chave: *borderline*; tempo; neoliberalismo, desvínculo, infância.

NO TAPETE TAMBÉM SE FAZ ANÁLISE: e a elasticidade da técnica com isso?

Marcio Bernardino Sirino¹

Resumo

Este trabalho socializa, por meio da narrativa autobiográfica, uma experiência clínica onde a paciente, trazia, como demanda inicial, a ansiedade pela aproximação das provas de acesso ao Ensino Superior. No consultório, foram realizadas algumas atividades que contribuíram para sua *associação livre*, sustentadas pela perspectiva da

1 Psicanalista (Escola Freudiana de Vitória, 2024-2026) e membro do Sindicato dos Psicanalistas do Estado do Espírito Santo (SINDPES). Doutor em Educação (ProPEd/UERJ, 2019-2022) e Mestre em Educação (PPGEdu/UNIRIO, 2015-2017). Licenciado em Pedagogia (UCB, 2009-2012) e, ainda, Especialista em diversas áreas da Educação: Alfabetização dos Estudantes das Classes Populares (UFF, 2013-2014); Gestão da Educação Pública (UNIFESP, 2017-2019); Educação Especial e Inclusiva (UFA-BC, 2020-2022) e Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (IFES, 2022-2023). Possui experiência tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, em cursos de graduação em Pedagogia e de Especializações na área da Educação, como professor, tutor, orientador de trabalhos de conclusão de curso e, ainda, coordenador de projeto de iniciação científica desenvolvendo, ao longo dos tempos/espacos, diversas investigações dentro das temáticas: Políticas Públicas de Ampliação da Jornada Escolar; Educação Integral e(m) Tempo Integral; Educação Social & Pedagogia Social; Pedagogia Freinet e, mais recentemente, tem se debruçado sobre o campo do saber da Psicanálise. Desde 2023, é servidor público da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo, atuando como Pedagogo de uma escola de Ensino Médio, em Guarapari, onde atua, também, no consultório psicanalítico. Contato: analistaeducador@gmail.com.

elasticidade da técnica (Ferenczi, 1928/1992), tais quais: tabela das características, pintura das inteligências, trinta palavras, narrativa espontânea e árvore da vida. Ao longo das sessões, foi possível perceber maior abertura ao processo analítico e elaboração sobre sua relação familiar conflituosa, traumas da infância, baixa autoestima (de tipo intelectual), a necessidade de corresponder às expectativas dos outros e, sobretudo, a continuidade de sua vida estudantil. Nesse movimento analítico, evidenciou-se a possibilidade de ampliação da concepção de técnica, bem como o rompimento com uma visão tradicional de análise – desaguando na disputa por novos manejos na prática psicanalítica. No decorrer das sessões, algumas construções da paciente evidenciaram os benefícios construídos, por meio das técnicas diferenciadas – dinamizadas no tapete do *setting* analítico, tais quais: ‘o mundo está desabando e eu estou aqui’ (revelando maior segurança emocional), ‘a comilança diminuiu bastante’ (controle da compulsão), ‘as vozes diminuíram muito’ (fortalecimento da sua identidade), ‘fico o dia inteiro sem pensar nada de ruim sobre mim mesma’ (desenvolvimento de autoestima) e ‘o exercício de pintar me ajudou’ (direcionamento para a demanda do curso no Ensino Superior).

Palavras-chave: Sándor Ferenczi; Elasticidade da Técnica; Manejo Clínico.

PSICANÁLISE E AUTISMO: Uma Abordagem Psicodinâmica para a Subjetividade e a Intervenção Terapêutica

André dos Santos¹

Resumo

O livro *Psicanálise e Autismo* de André Santos propõe uma reflexão inovadora sobre a relação entre psicanálise e autismo, desafiando modelos tradicionais e apresentando uma abordagem psicodinâmica que considera as particularidades da subjetividade autista. Este trabalho tem como objetivo analisar as principais concepções teóricas do autor e suas implicações para a prática psicanalítica no tratamento do autismo. A obra destaca a relevância das dinâmicas inconscientes, das relações familiares e da constituição do self autista, propondo uma escuta terapêutica que respeite a singularidade do sujeito. Através de uma análise psicodinâmica, a obra sugere novas possibilidades para a compreensão e o tratamento do autismo, oferecendo uma crítica construtiva aos modelos convencionais.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicodinâmica, Autismo, Subjetividade, Dinâmica Familiar, Defesas Psíquicas, Transferência.

¹ Bacharel em teologia pela FAEP. Licenciado em pedagogia e história. Psicanalista pela Sociedade Freudiana das Américas. Diretor acadêmico da Faculdade Esperança, responsável pelo curso de pós-graduação em Lacan e linguagem e outros cursos da área da saúde mental da mesma faculdade.

PSICANÁLISE, PRÉ-MENOPAUSA E MENOPAUSA: diferentes visões e desafios para a clínica

Luciana Iser Setúbal¹

Resumo

A mulher é o berço da Psicanálise, a qual nasce do trabalho freudiano com suas pacientes histéricas. O interesse de Freud pelo psíquico da mulher se perpetua ao longo de toda a sua obra, com concepções acerca de sua sexualidade, a feminilidade, a relação entre mãe e filha. Porém, há um período da vida da mulher que pouco despertou a atenção do fundador da Psicanálise, com uma brevíssima menção a ela: a menopausa. De certa forma, a escassez de reflexões freudianas acerca do tema impregnou a Psicanálise como um todo, visto a pouca atenção

¹ Luciana Iser Setúbal é psicanalista (NPP) e mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP), onde pesquisa personagens femininas na contística da escritora argentina Silvina Ocampo sob o viés da Psicanálise. Integra o grupo de pesquisa Crítica Literária e Psicanálise da USP, é membro de grupo de estudos sobre Sándor Ferenczi pelo Espaço Uma a Uma e coordena o grupo de estudos Psicanálise Literária do NPP. Escritora, tem dois livros publicados: a coletânea de contos Onde Começa o que Sempre Acaba e o romance Ryukyu, ambos pela Ed. Penalux. É coidealizadora do projeto de ativismo literário Livro que Marca e já ministrou oficinas de escrita literária. Durante mais de 20 anos atuou como redatora e roteirista. É especialista em Comunicação para o Terceiro Setor (Fijo/PUCRS) e em Prática em Escrita Literária (Unicsul), e graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (Unisc). Também atuou em Educação, como professora da rede pública.

dada, por parte de pesquisadores da área, a essa fase que incide sobre o corpo e o psíquico da mulher, o mesmo ocorrendo em relação à pré-menopausa. O objetivo do presente artigo, portanto, é trazer à tona diferentes visões da Psicanálise a respeito desses dois importantes períodos da vida dos sujeitos do sexo feminino, passando por autores como Freud, Deutsch, Laznik, Mucida e Furtado. O objetivo é tentar entrever, nessas concepções, e com o apoio de uma breve vinheta clínica, caminhos para iluminar os desafios que rondam a clínica quanto ao tema, principalmente no que se refere ao desmentido vivenciado por muitas mulheres em ambas as fases.

Palavras-chave: pré-menopausa, menopausa, mulher, Psicanálise, clínica

Capítulo I

Psicopatologias, Estruturas Clínicas e Sintomas Contemporâneos

A CLASSE SOCIAL IMPORTA EM UM TRATAMENTO ANALÍTICO?

César Augusto de Assis Silva¹

Resumo

A condição material de existência e o complexo do dinheiro são dimensões inescapáveis do ser humano. Além disso, cada sujeito se relaciona, consciente ou inconscientemente, com outros no espaço social portando um certo quantum de capital financeiro, o que posiciona necessariamente sujeitos em posições desiguais, de um ponto de vista material. Este trabalho visa interrogar, a partir de minha experiência clínica, de modo qualitativo, como a posição de classe social se faz presente no *setting*, importa nos tratamentos psicanalíticos e atravessa alguns sintomas contemporâneos. A psicanálise nasceu no processo de tratamento do mal-estar de classes abastadas europeia. Ao longo de sua história, inclusive no Brasil, manteve-se sobretudo como uma prática clínica endereçada às camadas altas e escolarizadas da sociedade. Contudo, com as transformações sociais das últimas décadas, além das iniciativas de clínicas sociais, a psicanálise adquiriu uma considerável penetração popular. Cabe entender nesse processo, quais entreves podem ser apreendidos nessa migração de uma prática clínica de elite para a sua aplica-

¹ Graduado em Ciências Sociais e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Formando em psicanálise pelo Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas.

ção popular. Coloco também em questão a relação entre diferentes posições de classe e sofrimento.

Palavras-chave: Psicanálise, Classe social, Sintoma.

Introdução

Consideremos um breve fragmento de um caso clínico, já encerrado há alguns anos. Tratava-se de uma senhora na casa dos setenta anos, aposentada, cuja trajetória é marcada por uma ambivalência de classe. Ela provém de uma família aristocrática, com membros que ocupam posições no Estado e no meio acadêmico, detentora de grande capital cultural (doutora, poliglota, versada em artes), mas que naquele momento de sua biografia dispunha de poucos recursos financeiros. Já na primeira sessão, ao efetuar o pagamento — um valor social —, a paciente entregou o dinheiro envolto em um papel cuidadosamente dobrado. Após sua saída do *setting*, abri o embrulho para retirar o dinheiro e me deparei com a seguinte frase impressa: “Queremos que o dinheiro dure até o fim do mês, mas ele é tão pouco, nunca dá”. Compreendi tratar-se de um recorte retirado de um encarte publicitário de empréstimos de um grande banco, que a analisanda usou para embrulhar o dinheiro.

Como afirma Freud (2016; p. 263), “quem silencia os lábios, fala com a ponta dos dedos; delata-se por todos os pontos dos poros”. Esse gesto aparentemente banal de entregar o dinheiro envolto em um papel me chamou atenção pois, de maneira não verbal, comunicou algo a ser interpretado sobre a relação da analisanda com o dinheiro. Ele foi marcado como algo simultaneamente sujo e escasso, já na primeira sessão.

Ao longo da análise que se seguiu, o tema do dinheiro retornava de diferentes formas, embora frequentemente a analisanda negasse sua importância. Estava presente em disputas fraternas por heranças paternas e maternas; em um episódio de assassinato interclasse ocorrido em sua família; nos divórcios realizados e desvantajosos financeiramente; no distanciamento geográfico e afetivo dos filhos; no sentimento de inadequação diante do sistema produtivo e nas experiências de desvalorização associadas à condição feminina. A falta de dinheiro revelava-se, portanto, um significativo organizador de sua vida psíquica, vinculado a uma aridez afetiva. Esse breve fragmento bem ilustra como a posição de classe e o dinheiro importam em uma análise, pois conformam a trajetória de um sujeito e sua vida psíquica.

A psicanálise surgiu na passagem do século XIX para o XX como um saber clínico voltado principalmente para o sofrimento das camadas privilegiadas da sociedade europeia, a alta burguesia urbana. Historicamente, ela manteve-se voltada para as camadas altas e médias, inclusive no Brasil. Contudo, com as transformações sociais das últimas décadas e iniciativas de clínicas sociais, a psicanálise ampliou o seu raio de atuação. Cabe então nos interrogarmos qual o impacto disso no *setting* analítico, a posição de classe importaria em um tratamento analítico?

A relevância dessa questão torna-se ainda maior no contexto contemporâneo, no qual categorias sociológicas como gênero, raça e classe passaram a ocupar um lugar central nos debates clínicos e teóricos, frequentemente articuladas por meio da perspectiva da interseccionalidade dos marcadores sociais da diferença. Meu argumento é que a classe social permanece ativa dentro

da clínica e produz efeitos tanto sobre os modos de sofrimento quanto sobre a própria relação entre analista e analisando.

Para desenvolver essa hipótese, proponho três breves etapas. Primeiro, discutir a relação entre classe social e dinheiro. Em seguida, explorar a complexidade do conceito de dinheiro na teoria psicanalítica. Por fim, refletir sobre a possibilidade de existirem formas de sofrimento que se articulam de maneira diferenciada às posições de classe.

1. Classe social, Dinheiro e Psicanálise

Quando pensamos sobre classe social, estamos inevitavelmente tratando de dinheiro. Contudo, como bem teorizou o sociólogo Pierre Bourdieu (2009), a posição de classe se define pela distribuição desigual de muitas formas de capitais (econômico, social, cultural e simbólico). Assim, classe não se reduz apenas à renda, mas a quantidade de recursos econômicos disponíveis condiciona possibilidades de existência, acesso a diferentes capitais e define formas de viver e morrer. Dada a inescapável condição material no existir humano, a classe social importa porque o dinheiro importa, tanto para o analisando quanto para o analista.

A própria tradição psicanalítica oferece elementos para pensar essa questão (SILVA & HENRIQUES, 2017). Em *Caráter e erotismo anal*, Freud (2015) estabeleceu relação entre dinheiro e erotismo anal. Em seu argumento, as fezes aparecem como o primeiro presente oferecido ao cuidador, uma espécie de moeda de troca primitiva e afetiva na relação com o outro. A retenção ou

expulsão das fezes pode expressar docilidade e obediência, mas também obstinação, teimosia e rebeldia. Freud associa essa fase primitiva à formação de características como ordem, parcimônia e obstinação. Dinheiro e fezes aparecem, assim, ora como equivalentes simbólicos (são moedas de troca na relação com outro), ora como opostos (articulando valor e desvalor).

O dinheiro voltou a ser teorizado no artigo *O início do tratamento*. Neste, Freud (2010) faz uma série de recomendações técnicas aos psicanalistas, abordando diretamente o tema do pagamento. O dinheiro possuiria um efeito regulador importante, sendo ele um elemento de valorização da análise. Assim como a sexualidade, Freud recomenda que o dinheiro seja abordado com franqueza e sem hipocrisia. Também desaconselha a filantropia por parte do analista, pois argumenta que ela pode aumentar resistências ao produzir sentimentos de gratidão ou sedução que dificultam o trabalho analítico. Ao mesmo tempo, Freud reconhece explicitamente os limites de acesso à análise pelas classes populares, devido ao seu alto custo.

Em diálogo com esse texto de Freud e a partir da minha experiência clínica, considero que do ponto de vista do analisando, o dinheiro desempenha múltiplas funções em uma análise: ele é o pagamento de um serviço e também um item do enquadre, que posiciona analista e analisando em polos opostos (devedor/credor). Além disso, o próprio dinheiro é um tema e uma área da vida a ser tratada no processo analítico. O dinheiro articula desejos, uma história familiar, complexos parentais e dos irmãos, experiências de valorização e desvalorização, percepções sobre o valor do próprio trabalho, entre outros elementos. Além disso, a transferência pode se expressar na relação com o pagamento: afetos como hostilidade, avareza, ge-

nerosidade, dependência, cobrança, ressentimento ou resistência. Não raro, questões financeiras aparecem como justificativas para interromper uma análise.

Para o analista, o dinheiro também possui múltipla importância. Ele é, antes de tudo, o seu meio de sobrevivência material. Mas também integra o enquadre, constitui um instrumento de manejo sempre ativo e precisa ser tema de análise pessoal do próprio profissional. A contratransferência também pode se expressar no tema do pagamento, surgindo questões como: o valor cobrado é justo? Poderia cobrar mais? Deveria flexibilizar o valor? Estou tentando ser visto como alguém desapegado, generoso, objetivo ou rígido?

Por esses elementos, o tema da classe social está presente concretamente no *setting*. Em primeiro lugar, com relação à questão do pagamento. Um custo elevado pode ser altamente seletivo para definir qual classe pode ou não ter acesso à psicanálise. No contexto de uma clínica social, onde a flexibilização dos honorários é frequente, a classe interfere na própria definição do que seria um valor justo do tratamento para ambas as partes. Em segundo lugar, a classe funciona também como um diagnóstico de possibilidades e limites objetivos na vida social, ainda que flexíveis. Ela ajuda a delimitar horizontes de expectativa, formas de pertencimento e modalidades de sofrimento, uma vez que conflitos psíquicos são atravessados também por razões de ordem sociológica.

Por atuar em uma clínica social, a composição de minha carteira de analisandos é, do ponto de vista de classe, bastante heterogênea. Em linhas gerais, e para os propósitos desta reflexão, vamos considerar três grupos segundo sua posição na estrutura social: uma classe média alta, uma classe média ascendente e uma classe po-

pular com reduzida mobilidade social. O objetivo dessa delimitação é examinar de que maneira esses diferentes pertencimentos de classe atravessam as narrativas dos analisandos, especialmente no que diz respeito às questões relativas ao dinheiro, à posição social e às formas de sofrimento que se apresentam na clínica.

O primeiro grupo é composto por analisandos que desfrutam de elevado conforto material, condição frequentemente sustentada por um patrimônio econômico e cultural acumulado ao longo de gerações familiares. O segundo reúne sujeitos cuja trajetória é marcada pela ascensão social em relação à de seus pais: alcançaram maior escolaridade, exercem profissões mais valorizadas e conquistaram melhores condições materiais de vida. Por fim, o terceiro grupo é formado por pessoas com baixa escolaridade, inseridas em ocupações pouco qualificadas e que enfrentam limitadas possibilidades de mobilidade social.

Na classe média alta, geralmente o pagamento da sessão transcorre como esperado pelo psicanalista. Há o conforto em receber o valor da sessão cheia. Muito provavelmente, em algum momento da análise, o dinheiro torna-se um tema, já que ele ocupa um lugar importante na história familiar do analisando. Frequentemente há bastante consciência de seu valor, pois ele permite acessos, experiências, possibilidades, segurança e liberdade profissional. Contudo, não raro, o próprio dinheiro é utilizado como instrumento de poder paterno (ou materno), limitando movimentos de filhos. Como muitos sujeitos experimentam dificuldade para reproduzir autonomamente o padrão de vida da família, permanecem por mais tempo sob sua influência. Assim, nessa classe pode haver dúvida se as escolhas importantes de uma trajetória

individual estão sob o domínio do sujeito ou da tutela da família. Além disso, os ideais de perfeição com relação à imagem, ao corpo, ao status profissional e a felicidade matrimonial tendem a ser mais rígidos. Muitas vezes se projeta o superego (a instância crítica de todo sujeito) nos outros de seu convívio — amigos de longa data (muitas vezes desde a infância), colegas de trabalho e conhecidos de redes sociais — havendo uma forte sensação de controles externos sobre performances a desempenhar. Nesses casos, a análise frequentemente precisa atuar enfraquecendo o poder dessas instâncias normativas (família e pares) em favor de uma existência mais singular do sujeito.

Na classe média emergente, é comum que o analisando traga um mal-estar que está sendo difícil nomear, mas que podemos entender como um sofrimento típico dos sujeitos que cruzam classe social. A socialização em um certo meio social e cultural torna-se disposições no âmbito da linguagem, maneiras, aptidões e gostos artísticos. Tudo isso se deposita de modo estrutural no corpo, o que Pierre Bourdieu (2009) chama de *habitus*. A entrada no sujeito em estratos superiores da vida social faz com que haja um descompasso entre o *habitus* adquirido e o exigido naquele novo ambiente. Assim, surgem dificuldades ligadas à linguagem (a norma culta), ao domínio de códigos culturais (estética, gostos, maneiras), à fala em público. O sujeito experimenta um sentimento não pertencimento, inadequação ou insuficiência. Recentemente um termo tornou-se popular para nomear essa insegurança típica de classe, algo que os próprios pacientes trazem para a análise: “a síndrome do impostor”. O sujeito pode também estar experimentando culpa ou sensação de traição por ter se diferenciado dos pais, irmãos, ao ter saído

do ambiente de origem. Nesses casos, a análise pode contribuir para a tomada de consciência dos determinantes sociais e afetivos desse sofrimento, permitindo reconhecer capacidades efetivas do sujeito com a intenção de ele se autorizar nos processos de mobilidade social.

Já nas classes populares com pouca mobilidade social, surgem desafios específicos. A ordem do discurso que o psicanalista visa instaurar: na qual o analisando faz um fala sobre si e o analista não dá direcionamentos práticos e nem atende demandas imediatas, pode ser repelente para as classes populares menos escolarizadas. Além disso, o próprio ambiente social da psicanálise, em que consultórios ficam localizados em bairros nobres, ou o a imagem social do psicanalista como alguém com status superior (alta cultura e conforto financeiro), pode despertar no analisando vergonha de sua posição social, sua linguagem, maneiras e sua condição financeira (pode pagar pouco). O que de ponto de partida criaria uma transferência de “vergonha de classe” de difícil atravessamento. Como Freud propôs em *Caminhos da terapia psicanalítica* (2010), talvez adaptações precisem ser feitas na técnica para o atendimento de novos públicos menos escolarizados, ainda que o rigor da interpretação da transferência e da resistência (o ouro da psicanálise) não devam ser perdidos.

No atendimento dessa camada social, com relação ao analista, uma questão fundamental é se ele realmente consegue aceitar o valor reduzido dos honorários e o ritmo frequentemente mais lento de reajustes. A aceitação disso nesse caso é fundamental, para que não ocorra uma contratransferência negativa que impeça o tratamento. No processo de análise, o dinheiro pode ser um tema central e urgente, às vezes uma questão de sobrevivência

do sujeito. Contudo, é importante evitar uma armadilha recorrente: supor que a principal questão psíquica do sujeito pobre seja necessariamente a falta de dinheiro. Existe o risco de projetar sobre ele uma mentalidade típica da classe média, reduzindo sua experiência subjetiva a dificuldades econômicas e ignorando outros conflitos igualmente relevantes. No caso considerado no início desse artigo, era a escassez afetiva, ao invés da financeira que certamente causava mais sofrimento à analisanda.

Conclusão

Concluindo, considero que a clínica contemporânea ganha quando incorpora uma reflexão sociológica mais consistente sobre a questão de classe. A classe social não apenas influencia os tipos de sofrimento que chegam ao consultório, mas também atua na relação estabelecida entre analista e analisando. A posição de classe determina em larga medida os significados sociais atribuídos ao dinheiro. Este, como questão psicanalítica é complexo porque possui múltiplas funções simultaneamente: está ligado ao erotismo anal, é tema de análise, elemento do enquadre, instrumento de manejo e veículo por meio do qual se expressam processos transferenciais e contratransferenciais. Uma escuta atenta à dimensão sociológica da experiência não substitui a investigação do inconsciente, mas amplia sua inteligibilidade, permitindo compreender como conflitos psíquicos e condições sociais se articulam na produção do sofrimento. As diferenças de classe não permanecem do lado de fora do *setting*, elas entram na análise e participam ativamente daquilo que nela acontece.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. (2009). *O senso prático* (M. Ferreira, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- FREUD, Sigmund. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905 [1901]). In: FREUD, Sigmund. Volume 6. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.173-320.
- FREUD, Sigmund. Caráter e o erotismo anal. In: FREUD, Sigmund. Volume 8. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 350-358.
- FREUD, Sigmund. O início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise. In: FREUD, Sigmund. Volume 10. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 163-192.
- FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. Volume 14. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 279-292.
- SILVA, Lillian Nathalie Oliveira da; HENRIQUES, Rogério da Silva Paes. Representações simbólicas do dinheiro na obra freudiana. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 37, p. 169-183, jul./dez. 2017.

A SOMBRA DO OBJETO E O OLHAR À CÂMERA: uma leitura freudiana de Fleabag

Kátia B. Moura¹
María Elena Morán²

Resumo

Este artigo analisa a série de comédia dramática *Fleabag*, criada e protagonizada por Phoebe Waller-Bridge, partindo da hipótese de que o uso da chamada “quebra da quarta parede”, mais do que uma estratégia narrativa, constitui uma forma de manifestação do funcionamento melancólico da protagonista. Argumenta-se que, embora seja tradicionalmente associada ao distanciamento do espectador, na série, esse recurso se vincula à dinâmica psíquica da personagem, intensificando sua relação com o público. A partir de uma análise teórico-interpretativa, fundamentada no texto *Luto e melancolia* de Sigmund Freud (1915), investiga-se como a interlocução com o espectador encena a cisão do Eu e o conflito com a instância crítica, em um movimento no qual a “sombra do ob-

1 Pós-graduanda em Docência na Educação Superior pelo IFSP. Estudante da Formação em Psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP). kmoura125@gmail.com.

2 Doutora em Letras: Escrita Criativa pela PUCRS. Estudante da Formação em Psicanálise do Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP). marielenamorán@gmail.com.

jeto” recai sobre o Eu. Conclui-se que a quebra da quarta parede torna visível o modo melancólico de lidar com a perda, funcionando como uma forma de exteriorização dos conflitos internos da protagonista.

Palavras-chave: Fleabag; quebra da quarta parede; melancolia.

Introdução

A série *Fleabag*, criada e protagonizada por Phoebe Waller-Bridge, destaca-se pelo uso recorrente da chamada quebra da quarta parede, recurso por meio do qual a protagonista se dirige diretamente ao espectador. Embora tradicionalmente associada a efeitos de distanciamento, na série essa estratégia assume uma função singular, ao se articular à experiência subjetiva da personagem.

Este artigo propõe investigar em que medida a quebra da quarta parede pode ser compreendida como mais do que um procedimento formal, constituindo uma tradução, no plano da linguagem audiovisual, de aspectos do funcionamento psíquico da protagonista. A hipótese central é que esse recurso encena, de maneira privilegiada, dinâmicas próprias da melancolia.

Para sustentar essa leitura, recorreremos ao texto *Luto e melancolia* (1915), de Sigmund Freud, buscando estabelecer aproximações tal modo de enunciação da série e o conceito de “cisão do Eu”, abordando também os pressupostos do quadro melancólico estabelecidos pelo pai da psicanálise, como são a perda do objeto, a regressão da libido para o Eu e a ambivalência.

1. O universo de Fleabag e o olhar à câmera

Fleabag é uma comédia dramática britânica com duas temporadas (2016 e 2019) e um total de 12 episódios. Criada, escrita e protagonizada por Phoebe Waller-Bridge, a produção retrata o cotidiano de uma mulher na casa dos 30 anos que tenta elaborar perdas importantes, enquanto toca um negócio quase falido e vive relações disfuncionais, com doses de humor, ironia e drama. A protagonista e várias outras personagens não recebem nome, mas o título parece ilustrar o estado emocional da figura central: a palavra Fleabag significa “saco de pulgas” ou “espelunca”, e é assim que ela se vê.

Na primeira temporada, Fleabag está vivendo a perda da amiga Boo e da sua mãe, enquanto mantém relações distantes com sua irmã, pai e madrasta, um relacionamento de términos e voltas constantes com o namorado Harry, e uma compulsão a flertar e fazer sexo casual. Ela gerencia um café falido, no qual era sócia da Boo, que acabou se matando após descobrir que o namorado a traiu. No final da temporada, descobrimos que foi com a própria Fleabag, mas Boo morreu sem sabê-lo.

Na segunda temporada passou-se um ano na narrativa. Nesse tempo, a protagonista conseguiu um empréstimo e salvou o café, tem lidado melhor com sua culpa e sua compulsão sexual, e está tentando se aproximar da família. No jantar de noivado do seu pai com a madrasta, ela conhece “o padre”, com quem desenvolve uma intimidade rara e acaba se apaixonando. O vínculo entre eles é o núcleo da temporada.

Um aspecto fundamental da narrativa é o uso recorrente da chamada “quebra da quarta parede” pela

protagonista. O recurso, que surge no teatro e é usado também no audiovisual, se refere ao fato de o palco ser formado por três paredes sólidas e uma quarta invisível que seria a que separa os atores do público (ZANETTI; SIGILIANO, 2021, p. 2). Assim, a protagonista, ao olhar para a câmera, quebra esse muro e se comunica diretamente com o público.

Bortoluzzi (2021, p. 9-10, 24) explica que toda narração na qual há a figura explícita de um narrador é chamada de “narrativa dupla” e funciona em dois níveis: um direto ou explícito, o da personagem que mostra ou narra seu ponto de vista (em *Fleabag*, manifesto na quebra da quarta parede); e um indireto, implícito e “invisível”, que se refere ao “meganarrador”, a instância narrativa que de fato organiza e controla a enunciação como um todo.

Antunes (2020) e Bortoluzzi (2021) coincidem em que, numa produção audiovisual ou de teatro, comumente se busca que o público imerja no universo da narrativa, ao se identificar com a história e as personagens, vivendo a fantasia do que é contado e mantendo sua posição de *voyeur*, o que aproxima o público. A quebra da quarta parede romperia com essa fantasia ao chamar a atenção do espectador para a realidade e para o fato de aquilo ser uma narrativa, podendo causar desconforto e distanciamento nele, por ser colocado numa posição mais ativa e participativa e perder sua privacidade de *voyeur*.

No entanto, o que se observa na série é que o emprego da quebra pode conferir ainda mais intimidade com o público: “ao confidenciar tanto ao espectador, *Fleabag* faz o contrário [...] em vez de afastar, aproxima o público da narrativa”. “Há uma frequência de uso da quebra muito grande na narrativa” e “é justamente seu

uso exacerbado que dessensibiliza o público em relação ao rompimento do mundo diegético³” (Bortoluzzi, 2021, p. 29). Antunes corrobora com tal ideia ao observar uma média de 39 ocorrências de quebra da quarta parede por episódio e afirmar que o recurso da quebra nos oferece acesso privilegiado ao mundo interno da personagem nos aproximando dela (2020, p. 2, tradução nossa).

O uso consistente e dramaticamente explorado da quebra da quarta parede na série, com sua contribuição para aproximação entre protagonista e público, nos resultam fundamentais para analisar, sob a luz do texto Luto e melancolia (1915), de Freud, o mundo interno de Fleabag, no sentido de que observamos neles uma das formas através das quais o quadro melancólico em que vive a personagem se faz visível.

2. Fleabag e a melancolia: a quebra da quarta parede como expressão do mecanismo melancólico

2.1. A cisão do Eu e a instância julgadora

Um dos primeiros pontos abordados por Freud (1915/2010, p. 130) ao se referir à melancolia, é que a perda que leva ao desenvolvimento do quadro pode estar relacionada à perda de objeto real ou mesmo à perda de um objeto inconsciente, e que a primeira pode vir acompanhada da segunda. Em Fleabag, a protagonista atravessa a perda da mãe e da melhor amiga e isso acarreta um

3 Diegético refere-se a tudo o que pertence ao mundo ficcional de uma narrativa, como sons, objetos ou personagens que fazem parte da história e são audíveis/visíveis pelos personagens.

modo mais automático de tocar a vida, percebido tanto na narrativa direta quanto na indireta, quando ela vai tratando pessoas e circunstâncias com certo deboche ou desinteresse, mecanismo comum quando o objeto perdido é desconhecido, o que exige um trabalho interno do Eu e consome sua energia, não restando muito para o exterior.

Para Pereira (2021, p. 125), “embora a série seja repleta de cenas de humor, constatamos uma tristeza de pano de fundo no desenvolvimento da protagonista”. O autor argumenta, com base no texto freudiano Luto e melancolia, que Fleabag se encontra num processo de luto em que “o mundo se torna pobre e vazio”. Para nós, no entanto, várias características da narrativa, entre elas o recurso da quebra, nos fazem enxergar que a personagem lida com as perdas por meio de um mecanismo muito mais característico da melancolia, na qual “o próprio Eu se torna pobre e vazio” (FREUD, 1915/2010, p. 130). Já no primeiro episódio temos notícias disso, quando ela, precisando de ajuda financeira, vai à casa do pai para pedir apoio e, no meio do diálogo, diz: “eu tô com uma sensação horrível que eu sou uma gananciosa, pervertida, egoísta, apática, cínica, depravada, moralmente falida que não pode nem se considerar feminista”.

A nossa ideia de que Fleabag usa um mecanismo melancólico se vê reforçada no fato de que uma das diferenças entre o luto e a melancolia é que nesta última há o rebaixamento da autoestima, algo que não é verificado no primeiro (FREUD, 1915/2010, p. 129). Nessa linha, emendamos à definição de melancolia:

um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima,

que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 1915/2010, p. 128).

Tais aspectos fazem com que o melancólico apreenda a realidade com mais afinco que os demais e aparente não se importar com verdades escrachadas, algo que também percebemos na nossa protagonista, quando ela não apenas dispara para o espectador, na quebra da quarta parede, verdades sobre si própria (autorrecriminações), como também não se importa em constranger os demais personagens com provocações. No segundo episódio da segunda temporada, quando ela vai fazer uma sessão com uma psicóloga, que foi dada de presente pelo pai, ela diz: “passei grande parte da vida adulta usando sexo pra lidar com o vazio do meu coração”. É como se com essas atitudes houvesse satisfação em se desnudar sem vergonha ou mesmo se referir a si mesma de forma mais dura.

Freud (1915/2010, p. 132) atribui o mecanismo melancólico a uma contraposição entre uma parte do Eu e outra, um tipo de dissociação ou cisão em que uma parte do Eu, crítica e julgadora (que mais adiante, ele batizará como “supereu”), relacionada à consciência moral, toma por objeto outra parte do Eu para censurá-la. Isto é observado nas falas de Fleabag, seja no diálogo acima mencionado com o pai, seja quando ela fala no primeiro episódio da primeira temporada “eu me odeio”, ao se pegar flertando com um estranho no ônibus, ou ainda quando desabafa para o gerente, ao qual pediu empréstimo para salvar seu café, após enumerar tudo que fazia de errado em sua vida: “eu fodo com tudo!”.

Fazendo uma analogia a essa cisão que ocorre entre uma parte do Eu e a instância julgadora (Supereu),

percebemos na série a utilização de dois níveis de narração mencionados anteriormente: o direto, no contato da personagem com o público através da quebra da quarta parede; e o indireto, do meganarrador, que conduz a história independente da vontade da protagonista. A nosso ver, essa dinâmica parece encenar algo muito parecido com o que ocorre na melancolia entre o Eu (Fleabag) e a instância julgadora (meganarrador). Tal mecanismo pode ser percebido no último episódio da primeira temporada, quando há a revelação de que Fleabag foi a mulher com quem o namorado de Boo a traiu. A protagonista vinha escondendo essa informação, mas o meganarrador a revela, contra a sua vontade e, então, ela reage mudando justamente seu comportamento durante uma quebra da quarta parede:

Fleabag parece desesperada para fugir do olhar do público. A troca de posição de câmera [...] faz com que pareça que ela está encurralada pelo espectador - que, outrora tratada como amiga, agora Fleabag parece estar sendo pressionada e cobrada pelo público em relação àquele segredo revelado (BORTOLUZZI, 2021, p.39).

É como se, no desenrolar da narrativa, fossemos espectadores e confidentes das dinâmicas conflituosas entre Personagem-Meganarrador e Eu-Supereu nesse modo melancólico de lidar com as perdas. É de notar que o padre, já perto do final da série, percebe o uso que ela faz da quebra da quarta parede e a questiona: “com quem você está falando?”. Lemos esse fato como ilustrativo do tipo de intimidade profunda que eles atingiram. Na resolução da série, a protagonista aceita a impossibilidade da

relação com o padre e isso parece ajudá-la a encarar as demais perdas, também definitivas. Nesse ponto, ela se despede de sua interação com o público, como se já não precisasse mais dele como confidente e juiz de seus despropósitos. Esse gesto parece apontar para um desenlace da melancolia e do conflito entre uma parte do Eu e a instância crítica, abrindo caminho, enfim, para os trabalhos do luto.

2.2. Os pressupostos da melancolia presentes na personagem

Para seguir nossa linha argumentativa, utilizaremos os três pressupostos da melancolia: perda do objeto, regressão da libido para o Eu e ambivalência, para fazer inferências sobre a personagem e sua condição clínica.

Em primeiro lugar, as perdas óbvias de objeto sofridas por nossa personagem são da mãe e da melhor amiga, mas, no decorrer da narrativa, fica claro também que há uma perda das relações familiares. O pai é distante, tendo como único gesto de afeto pagar um retiro para as filhas no aniversário de morte da mãe e um exame de mama anual, por medo de elas adoecerem também. Claire, a irmã, descrita pela própria Fleabag, é uma mulher casada, financeiramente bem sucedida, que herdou as melhores características físicas da mãe, mas que sequer consegue abraçar a própria irmã. A madrastra e madrinha, mal esperou a mãe das afilhadas falecer e já cercava o viúvo de quem logo se “apossou”, demonstrando grande implicância com a protagonista e deixando claro não gostar de qualquer aproximação das filhas com o pai. O cunhado a trata como alguém inferior e se esforça por

mostrar como a presença dela atrapalha a vida da irmã.

Este cenário explica por que Fleabag lida com a família utilizando com frequência ironias, sarcasmo, alfinetadas e falas de cunho sexual. É como se, ao mostrar seu pior lado nas interações, ela estivesse, de fato, tentando atingir o objeto família que não a vê, invalida e desrespeita, mesmo nesse momento em que ela lida com lutos e com a ameaça de falência do próprio negócio, sintoma que já havia sido relatado pelo Freud ao se referir aos melancólicos:

Não se envergonham nem se escondem, pois tudo de desabonador que falam de si mesmos se refere, no fundo, a outra pessoa. E estão longe de mostrar, para com aqueles a seu redor, a humildade e a sujeição que convêm a pessoas tão indignas; pelo contrário, são extremamente importunos, agindo sempre como que ofendidos, como se lhes tivesse sido feita uma grande injustiça. Isso tudo é possível apenas porque as reações exibidas nesse seu comportamento ainda vêm da constelação psíquica da revolta, que, por um determinado processo, foi transportada para a compunção melancólica (FREUD, 1915/2010, p. 133).

Retomando os pressupostos da melancolia, conseguimos entender como se dá o mecanismo de cisão do Eu, a partir do retorno da libido ao Eu. Num curso normal, após o trabalho de luto, a energia investida no objeto fica livre para ser investida em outro objeto. Na melancolia, a escolha objetual é feita com base narcísica, o que faz com que o investimento nesse objeto seja pouco resistente e, uma vez cancelado, ao invés de ir para outro objeto, recue para o Eu e estabeleça uma identificação do

Eu com o objeto abandonado.

Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (FREUD, 1915/2010, p. 133-134).

Um indício de que Fleabag faz suas escolhas objetais em base narcísica é o fato de que ela se relaciona sexualmente com homens que aparentam ter por ela o mesmo desprezo que ela tem por si própria. São exemplos disso o caso do Harry, com quem ela causa o término da relação, por ele ser bonzinho demais; o bonitão narcista, que só a procura pelo sexo anal e depois a deixa por outra; o cara do ônibus, que promete tratá-la como vadia, mas logo ela percebe que ele tem sentimentos por ela e se afasta; o padre, que ela ignora quando ele demonstra se importar, mas que a interessa quando ele manda ela se fuder, após ser ignorado. Além das relações mencionadas, temos notícia da dimensão do afeto de Fleabag por sua progenitora no quarto episódio da segunda temporada, quando ao lembrar do velório da mãe, ela diz a Boo: “Eu não sei o que fazer com isso. Com todo amor que tenho por ela. Não sei onde botar ele agora”. Essa fala já nos dá sinais desse apego de base narcísica, mas, além disso, o pai dela aponta a semelhança que ela apresenta com a mãe falecida no modo de ser.

O último pressuposto que abordaremos, mas não menos importante, é o da ambivalência, em que ocorre uma luta de amor e ódio em torno do objeto a nível in-

consciente: “um para desligar a libido do objeto, o outro, para manter essa posição da libido contra o ataque”, sendo que tudo relacionado aos conflitos de ambivalência permanece inconsciente até que ocorra o desenlace da melancolia (FREUD, 1915/2010, p. 140-141). Em Fleabag, percebemos que tanto as interações com o público quanto com as outras personagens são repletas de ambivalências: drama e humor; aproximação e distanciamento; importar-se, mas buscar demonstrar que não se importa.

Ainda um aspecto que vale ser mencionado na nossa observação sobre o caso é que Fleabag lida constantemente com uma certa compulsão sexual manifestada por sua necessidade constante de flertar, buscar sexo casual ou mesmo de se masturbar, a ponto de até preferi-la ao invés de transar com Harry, no início da primeira temporada. A própria personagem reconhece, na conversa com a psicóloga, sua necessidade de utilizar sexo para lidar com o vazio. Pensamos que isso pode ser indicador de um período de mania, na tentativa de ficar bem ou enganar a si mesma sobre ter superado os conflitos internos.

Sabemos através das inferências de Freud (1915/2010, p. 138-139) que nem sempre a melancolia vem acompanhada de mania, mas que ambas coexistem no mesmo “complexo”, o que traz possibilidade à nossa suposição.

Conclusão

A análise desenvolvida neste trabalho permitiu responder ao objetivo central de investigar o uso da quebra da quarta parede na série Fleabag como uma possível manifestação do funcionamento melancólico da protagonista.

Observou-se que esse recurso, longe de operar apenas como estratégia narrativa, encena, no plano da linguagem, a cisão do Eu e o conflito com a instância crítica, tal como formulados por Sigmund Freud em *Luto e melancolia* (1915). Nesse sentido, a interlocução com o espectador pode ser compreendida como um espaço de exteriorização da dinâmica psíquica da personagem, no qual se tornam visíveis aspectos fundamentais da melancolia, como a autorrecreminação, a ambivalência e o retorno da libido ao Eu.

Como limitação, destaca-se o caráter interpretativo da análise, que propõe um recorte específico orientado pela teoria freudiana. Nesse sentido, outras abordagens teóricas poderiam ampliar ou tensionar as conclusões aqui apresentadas.

Por fim, considera-se que a investigação reafirma a relevância da temática, ao verificar como a melancolia pode encontrar na forma narrativa um campo fértil de manifestação.

Referências

- ANTUNES, Luis Rocha. Fleabag and self-reflexivity: breaking-the-fourth-wall of a woman's inner world. **Tropos**: Comunicação, Sociedade e Cultura, [s. l], v. 9, n. 1, p. 1-16, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3283>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- BORTOLUZZI, Isabella Armiliatto. **O espectador como confidente**: fleabag e a quebra da quarta parede. 2021. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Realização Audiovisual, Universidade do Vale do Rio dos

- Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/11300/Isabella+Armiliatto+Bortoluzzi.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- FREUD, S. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 12)
- PEREIRA, Arthur Teixeira. O trabalho do luto na série *Fleabag*, de Phoebe Waller-Bridge. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, [s. l], v. 2, n. 13, p. 124-127, ago. 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v13n2/v13n2a12.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- ZANETTI, Nayara; SIGILIANO, Daiana. A Quebra da Quarta Parede em Narrativas Complexas: uma análise das séries *fleabag* e *high fidelity*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Juiz de Fora. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Juiz de Fora: Portal Intercom, 2021. p. 1-12. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij04/nayara-zanetti.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

DESASSOSSEGO E DESAMPARO NA CONTEMPORANEIDADE: diálogos entre a psicanálise e literatura

Vanessa Castilho¹

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o desassossego como uma possível experiência subjetiva característica da contemporaneidade. A partir da noção de desamparo desenvolvida por Sigmund Freud e da experiência de inquietação presente na obra de Fernando Pessoa, especialmente no livro do Desassossego, na voz de Bernardo Soares, busca-se pensar como o sujeito atual se encontra diante de um cenário cultural marcado pela multiplicação de estímulos, informações e possibilidades de vida. Argumenta-se que, em um mundo que apresenta inúmeras escolhas e expectativas, o sujeito pode experimentar uma dificuldade crescente de se situar e decidir, vivendo em um estado de suspensão entre caminhos possíveis. A literatura, especialmente o Livro do Desassossego, oferece uma expressão sensível dessa experiência de inquietação

¹ Psicanalista, sexóloga e escritora. Atua na intersecção entre psicanálise, literatura e práticas expressivas, desenvolvendo oficinas terapêuticas voltadas ao público adulto. É autora do livro e do solo teatral *Dama Quixote*, nos quais investiga a relação entre criação, corpo e subjetividade. Integra ambulatórios de medicina sexual, ampliando sua atuação clínica no campo da sexualidade. É colunista na Rede Fala Mãe e desenvolve projetos que aproximam arte e a clínica.

e fragmentação subjetiva, permitindo aproximar a reflexão psicanalítica da cultura contemporânea. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica e articulação teórico-conceitual entre textos psicanalíticos e fragmentos literários. A noção freudiana de desamparo é tomada como eixo central para pensar a angústia e o mal-estar contemporâneo, em diálogo com autores como Joel Birman, e Zygmunt Bauman. A literatura de Fernando Pessoa surge como campo privilegiado de expressão sensível dessas experiências subjetivas, especialmente no que diz respeito à fragmentação do eu, ao estranhamento de si e à impossibilidade de unidade subjetiva. Conclui-se que o desassossego pode ser compreendido como uma manifestação contemporânea do desamparo, revelando a tensão do sujeito diante da ausência de garantias simbólicas e da instabilidade característica da contemporaneidade.

Palavras-chave: Desassossego; Desamparo; Psicanálise; Literatura; Contemporaneidade

Introdução

A contemporaneidade apresenta profundas transformações nos modos de vida, nas relações sociais e nas formas de subjetivação. A intensificação dos fluxos de informação, a aceleração do tempo, a multiplicação das possibilidades de escolha e a fragilidade dos vínculos sociais configuram um cenário no qual o sujeito se vê constantemente convocado a reinventar-se. Nesse contexto, experiências como angústia, instabilidade, vazio e sensação de desenraizamento tornam-se cada vez mais recorrentes.

Este trabalho propõe uma reflexão acerca do desassossego como possível manifestação subjetiva contemporânea, articulando psicanálise, literatura e cultura. Parte-se da noção de desamparo desenvolvida por Sigmund Freud, compreendida como condição estrutural do sujeito, para pensar de que modo a contemporaneidade intensifica experiências de insegurança e fragmentação subjetiva.

Em diálogo com Freud, mobilizam-se as contribuições de Joel Birman e Zygmunt Bauman. Birman permite compreender as novas formas de sofrimento psíquico presentes na contemporaneidade, e Bauman, ao desenvolver o conceito de modernidade líquida, e a fragilidade das relações no mundo contemporâneo.

Como campo de articulação entre teoria e experiência subjetiva, utiliza-se a obra Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa, especialmente na voz do semi-heterônimo Bernardo Soares. A obra oferece uma expressão sensível da fragmentação do eu, da inquietação contínua e do estranhamento de si, permitindo aproximar literatura e psicanálise na compreensão do sofrimento contemporâneo.

Discussões em relação a contemporaneidade tem-se intensificado em torno do sofrimento psíquico, especialmente diante das transformações sociais, tecnológicas e subjetivas que atravessam os modos de vida atuais. O excesso de informações, a aceleração do tempo, a fragilidade dos vínculos sociais e a constante exigência de desempenho produzem sujeitos cada vez mais confrontados com sentimento de insegurança, vazio e instabilidade.

Nesse cenário, observa-se o crescimento de experiências subjetivas marcadas pela ansiedade, pelo desalento e pela dificuldade de sustentação de si. O sujeito

contemporâneo encontra-se diante de inúmeras possibilidades de existência, porém sem referências simbólicas suficientemente estáveis que possam oferecer amparo diante das escolhas e das incertezas da vida.

É nesse horizonte que a literatura de Fernando Pessoa se torna particularmente significativa. Através da obra *Livro do desassossego*, especialmente na voz do semi-heterônimo Bernardo Soares, emerge uma escrita atravessada pela fragmentação subjetiva, pelo estranhamento de si e pela inquietação permanente.

1. O desassossego em Fernando Pessoa

O *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, constitui uma obra singular na literatura moderna, marcada por sua estrutura fragmentária e pela ausência de linearidade narrativa. Escrito na voz do semi-heterônimo Bernardo Soares, o livro reúne anotações, reflexões e estados de espírito que compõem uma espécie de diário íntimo de uma subjetividade em constante movimento.

O *Livro do Desassossego* narra as reflexões de Bernardo Soares, um ajudante de guarda-livros em Lisboa que transforma sua rotina monótona em uma profunda jornada interior. Através da observação passiva, ele vive entre o sonho e a realidade, focado intensamente em suas sensações. A obra é considerada uma “autobiografia sem fatos”, explorando a fragmentação do “eu” e o vazio existencial. Cada fragmento revela uma tentativa de apreensão de si, ao mesmo tempo em que evidencia a impossibilidade de fixar uma identidade estável. Nesse sentido, a escrita acompanha o próprio movimento do sujeito, que se percebe múltiplo, instável e atravessado por uma inquietação contínua.

Ao longo da obra, emergem temas como a fragmentação do eu, o sentimento de irrealidade, a oscilação entre presença e ausência e a dificuldade de sustentação de uma unidade subjetiva.

A escolha desta obra no presente trabalho justifica-se por sua potência em expressar, de maneira as experiências subjetivas que se aproximam das formulações da psicanálise. Enquanto a teoria, especialmente a de Sigmund Freud, busca elaborar conceitos como o desamparo, a literatura permite acessar a vivência desses estados, oferecendo uma dimensão experiencial do sofrimento psíquico.

Assim, o desassossego, revela uma forma de relação do sujeito consigo mesmo marcada pela instabilidade, pela divisão e pelo estranhamento de si aspectos que dialogam diretamente com a noção psicanalítica de desamparo.

Dessa forma, a utilização do Livro possibilita construir uma ponte entre teoria e experiência, permitindo pensar o sujeito contemporâneo a partir de uma escuta que não se limita ao discurso, mas que também considera a dimensão sensível e poética da existência.

É nesse ponto que a obra de Fernando Pessoa se torna fundamental. No Livro do Desassossego, Bernardo Soares expressa uma experiência contínua de fragmentação: “De tanto recompor-me, destruí-me.” (Pessoa, 2014, p. 204).

A tentativa de construir uma unidade subjetiva resulta, paradoxalmente, em sua dissolução. Em outro trecho: “Tudo se me evapora.” (Pessoa, 2014, p. 220).

A identidade aparece como instável, fugidia, incapaz de se fixar.

A escrita fragmentária da obra não apenas descre-

ve, mas encena essa experiência. O desassossego emerge como expressão de uma subjetividade atravessada por múltiplas possibilidades e pela impossibilidade de unidade.

Dessa forma, a articulação entre psicanálise e literatura permite compreender o desassossego como uma forma contemporânea de manifestação do desamparo.

2. Desamparo na Psicanálise Freudiana

Na psicanálise, a noção de desamparo ocupa lugar fundamental na constituição do sujeito. Freud utiliza o termo alemão *Hilflosigkeit* para designar a condição originária de dependência do bebê humano diante do outro.

Em Projeto para uma psicologia científica, Freud escreve: “*O desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais.*” (Freud, 1895/1969, p. 431).

O sujeito humano nasce incapaz de garantir sozinho sua sobrevivência, dependendo radicalmente do cuidado do outro. Essa experiência primordial inaugura não apenas a necessidade de proteção, mas também a própria constituição do laço social e da vida psíquica.

Posteriormente, em Inibição, sintoma e angústia, Freud relaciona o desamparo à angústia, compreendendo-a como resposta diante da ameaça de perda do amparo e da proteção. O desamparo deixa de ser apenas uma condição infantil e passa a constituir uma marca estrutural da existência humana.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud ([1930] 2011) corrobora que a cultura, ao mesmo tempo em que

organiza a vida coletiva, produz renúncias pulsionais e conflitos que atravessam inevitavelmente a subjetividade. O sofrimento humano, portanto, não aparece como acidente, mas como elemento constitutivo da existência.

As formulações de Freud permitem compreender que o sofrimento contemporâneo não surge apenas das transformações sociais atuais, mas encontra ressonância em uma condição estrutural do sujeito: o desamparo.

3. Desamparo na contemporaneidade

Em diálogo com essa perspectiva, as formulações de Joel Birman contribuem para compreender as novas configurações do sofrimento psíquico na contemporaneidade. O autor observa que o sujeito contemporâneo se encontra inserido em uma cultura marcada pelo individualismo, pela lógica narcísica da performance e pela precarização dos vínculos sociais. Diferentemente do sujeito neurótico clássico descrito por Freud, Birman identifica formas de sofrimento relacionadas ao vazio, à insuficiência e ao desalento subjetivo. A exigência constante de produtividade, felicidade e autoafirmação produz sujeitos exaustos, confrontados continuamente com a fragilidade de si e com a ausência de referências simbólicas estáveis. O desamparo, nesse contexto, reaparece intensificado pelas dinâmicas contemporâneas de isolamento e hiper individualização.

Essa leitura aproxima-se das reflexões sociológicas de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida. Para Bauman (2001), a contemporaneidade caracteriza-se pela fluidez das relações, pela instabilidade dos vínculos afetivos e pela dissolução de estruturas antes consi-

deradas sólidas, como família, comunidade e identidade. Em uma sociedade marcada pela velocidade e pela transitoriedade, os sujeitos passam a experimentar constantes sentimento de insegurança e desenraizamento. A liquidez das relações humanas intensifica a sensação de vulnerabilidade subjetiva, fazendo do desamparo não apenas uma condição psíquica estrutural, mas também um efeito das transformações culturais e sociais contemporâneas.

É nesse horizonte que a literatura de Fernando Pessoa emerge como espaço privilegiado de elaboração estética dessas experiências subjetivas. A fragmentação heteronímica presente em sua obra evidencia um sujeito dividido, múltiplo e atravessado pelo estranhamento de si. Em *Livro do Desassossego*, Pessoa transforma em linguagem poética a instabilidade do eu, a melancolia e a impossibilidade de unidade subjetiva plena. Sua escrita revela um sujeito que oscila entre presença e ausência de si mesmo, aproximando-se das formulações psicanalíticas acerca da falta e do desamparo. A literatura pessoana torna visível, pela experiência estética, aquilo que Freud identifica como mal-estar constitutivo e que Birman e Bauman reconhecem como marcas intensificadas da contemporaneidade: a solidão subjetiva, a fragmentação identitária e a dificuldade de pertencimento em um mundo cada vez mais instável.

Conclusão

A reflexão desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender o desassossego como uma experiência subjetiva que encontra ressonância significativa na contemporaneidade. Ao articular psicanálise, literatu-

ra e cultura, tornou-se possível observar que o sofrimento psíquico atual não pode ser reduzido apenas às transformações sociais do presente, mas deve ser pensado também a partir de uma condição estrutural da existência humana.

As formulações de Sigmund Freud trazem o desamparo (*Hilflosigkeit*) como constituintes de uma marca originária do sujeito. Desde o nascimento, o ser humano encontra-se em uma condição de dependência radical do outro, experiência que deixa inscrições permanentes na vida psíquica. A angústia, nesse sentido, surge como expressão dessa vulnerabilidade fundamental diante da perda de referências, proteção e sustentação simbólica.

Entretanto, se o desamparo é estrutural, a contemporaneidade parece intensificar seus efeitos. As contribuições de Joel Birman demonstram que os modos atuais de subjetivação são atravessados pela lógica do desempenho, do individualismo e da exigência constante de autossuperação. O sujeito contemporâneo é frequentemente convocado a construir sozinho os sentidos de sua existência, encontrando-se muitas vezes diante de sentimentos de vazio, insuficiência e desalento.

Nessa mesma direção, Zygmunt Bauman descreve uma sociedade marcada pela fluidez dos vínculos, pela instabilidade das relações e pela fragilidade das referências coletivas. Na modernidade líquida, as estruturas que antes ofereciam certa estabilidade tornam-se transitórias, produzindo experiências de insegurança, desenraizamento e incerteza. O excesso de possibilidades não necessariamente amplia a liberdade subjetiva; muitas vezes, produz hesitação, angústia e dificuldade de escolha.

É nesse contexto que a obra de Fernando Pessoa adquire especial relevância. Em *Livro do Desassossego*,

a voz de Bernardo Soares traduz poeticamente um desamparo do ser humano, uma fragmentação do eu, o estranhamento de si, a sensação de incompletude e a busca incessante por um lugar de pertencimento aparecem como expressões sensíveis de uma subjetividade atravessada pela falta e pela impossibilidade de unidade plena. A literatura torna visível, pela linguagem poética, aquilo que a psicanálise reconhece como constitutivo da experiência humana.

Desse modo, conclui-se que o desassossego pode ser compreendido como uma das formas contemporâneas de manifestação do desamparo. Mais do que um sintoma individual, ele revela uma condição subjetiva produzida no encontro entre a estrutura psíquica e as transformações culturais do presente. A aproximação entre Freud, Birman, Bauman e Fernando Pessoa demonstra que o sujeito contemporâneo continua confrontado com questões fundamentais relativas à falta, à identidade, ao pertencimento e à busca de sentido.

Por fim, a interlocução entre psicanálise e literatura mostra-se um caminho fecundo para compreender os modos atuais de sofrimento. Enquanto a psicanálise oferece instrumentos conceituais para pensar o desamparo e o mal-estar, a literatura possibilita acessar a dimensão sensível dessas experiências, revelando que, diante das incertezas da existência, o desassossego talvez não seja apenas um sinal de sofrimento, mas também uma expressão profundamente humana da busca por significado em um mundo cada vez mais instável.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica In: Edição Standard Brasileira, (1895). **das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. I. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e angústia (1926). In: Edição Standard Brasileira **das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: Edição Standard Brasileira **das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Capítulo II

Teorias e Práticas Psicanalíticas Clássicas e Contemporâneas

ASPECTOS TEÓRICOS E CLÍNICOS DO TRAUMA EM FREUD E FERENCZI

*Roberta Agnes Mendes Melo¹
Adriana Stefani Gava²*

Resumo

Este estudo investiga a evolução do conceito de trauma na teoria psicanalítica, estabelecendo um diálogo entre as perspectivas de Sigmund Freud e Sándor Ferenczi. A pesquisa justifica-se tanto pela necessidade de resgatar as contribuições ferenczianas, historicamente silenciadas (Todschweigen), quanto pelas exigências da clínica contemporânea. O objetivo central é analisar a transição do trauma endógeno e intrapsíquico freudiano para a dimensão exógena e relacional ferencziana, abrangendo violências externas, institucionais e estruturais. Os resultados indicam que a violência factual gera o empobrecimento da atividade fantasmática e a clivagem do Eu, refletindo-

1 Mestre em ciências pela USP, graduada em Matemática pela UFU e estudante de psicanálise pelo Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas (NPP). E-mail: melo.roberta98@gmail.com.

2 **Orientadora.** Psicanalista e docente pelo NPP, graduada em ciências econômicas pela Mackenzie e pós-graduada em psicopatologia psicanalítica: do clássico ao contemporâneo pela FACEI. E-mail: adriana.s.gava@gmail.com

-se nas graves dificuldades de simbolização observadas nos casos fronteiriços. Conclui-se que a articulação entre o rigor metapsicológico e a sensibilidade técnica amplia o manejo clínico, evitando que a análise funcione como repetição do trauma e oferecendo espaço para a regressão e a construção de narrativas antes impossibilitadas, de modo a promover a elaboração psíquica e a integração das partes dissociadas do Eu.

Palavras-chave: Trauma, Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, Psicanálise, Clínica.

Introdução

O conceito de trauma é constitutivo da psicanálise. Esta pesquisa investiga esse fenômeno a partir de dois eixos: as vertentes de Freud e Ferenczi. Inicialmente, analisa-se o percurso freudiano desde a busca pela etiologia das neuroses até a virada teórica de 1920, com a emergência dos conceitos de compulsão à repetição e pulsão de morte, e a teorização do trauma a partir de uma perspectiva econômica. Posteriormente, examina-se como o manejo das resistências, por meio da técnica ativa, evolui para uma teoria do trauma exógeno, deslocando o foco da fantasia para a realidade externa. O resgate de Ferenczi justifica-se para romper com seu silenciamento histórico (Todschweigen) e por exigências da clínica contemporânea. Sua perspectiva oferece suporte para acolher as violências institucionais, estruturais e sociais, viabilizando a escuta de egos clivados com dificuldades de simbolização.

O trauma na teoria de Sigmund Freud

Sensibilizado pelo enigma da histeria no Hospital Salpêtrière e confrontando a rígida medicina de Viena, Freud afastou-se da neurologia clássica e da busca por causas orgânicas para fundar a clínica psicanalítica.

Em *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*, Freud organiza a etiologia das neuroses e apresenta a seguinte explicação para o adoecimento psíquico:

“Nos doentes por mim analisados, houve saúde psíquica até o momento em que sucedeu um caso de incompatibilidade em sua vida representacional, isto é, até que o seu Eu se defrontou com uma vivência, uma representação ou sentimento que despertou um afeto tão doloroso que a pessoa decidiu esquecer aquilo, pois não acreditava ter a força de resolver a contradição entre essa representação intolerável e seu Eu mediante o trabalho do pensamento.” (FREUD, 1894, v. 3, p. 52).

Diante de traumas como acidentes, abusos sexuais ou situações de choque e vergonha, o Eu aciona mecanismos de defesa que separam a representação intolerável de seu afeto, gerando três quadros clínicos: a conversão somática na histeria, o deslocamento na neurose obsessiva e a abdicação da realidade na psicose.

Em *Estudos sobre a Histeria (1893-1895)*, Freud e Breuer postulam que os sintomas histéricos derivam de traumas psíquicos do passado não ab-reagidos, afirmando que “o histérico sofre de reminiscências”. O tratamento ocorre pelo método catártico, no qual o paciente revive o trauma sob hipnose e descarrega o afeto reprimido pela

fala, integrando a lembrança à consciência e eliminando o sintoma.

O distanciamento teórico de Breuer consolida-se em *A Etiologia da Histeria* (1896), quando Freud afirma que “qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida no fim chegamos infalivelmente ao campo da experiência sexual” (Freud, 1896, v. 2, p. 202). Sob esse viés, o trauma é pensado em dois tempos: no primeiro, ocorre uma vivência sexual prematura na infância que gera apenas um registro psíquico sem efeito traumático imediato; no segundo, uma nova experiência na puberdade desperta a lembrança do evento inicial por meio de cadeias associativas, ressignifica a cena infantil *a posteriori* e lhe confere teor traumático.

Dessa forma, postula-se a Teoria da Sedução, na qual a causa das neuroses reside em traumas de abuso sexual ocorridos na primeira infância, perpetrados por adultos, cuidadores ou familiares próximos. No entanto, na *Carta 69 a Fliess* (1897), Freud declara não acreditar mais na sua neurótica ao compreender que as lembranças relatadas na clínica nem sempre se atrelam a um evento concreto. Com essa virada, e sem invalidar a ocorrência de eventos factuais, estabelece-se a Teoria da Fantasia: a causa das neuroses se funda em desejos e fantasias inconscientes de natureza sexual que surgem na própria infância do sujeito.

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud organiza o aparelho psíquico pelas qualidades consciente, pré-consciente e inconsciente e, em os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), postula que a sexualidade começa na infância. A criança é compreendida como um perverso polimorfo que busca satisfações alheias à reprodução, manifestadas ao longo de seu desenvolvi-

mento. Essa dinâmica converge para o Complexo de Édipo, no qual ocorre o conflito entre o desejo incestuoso e a interdição; esse embate opera o recalque, instaura a amnésia infantil e consolida o roteiro de fantasias e a dinâmica objetal que constituem o cerne da estrutura neurótica do sujeito. Paralelamente, a metapsicologia desse período sustenta o dualismo pulsional entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação do Eu.

Em 1914, a clínica impõe novos desafios a Freud com o atendimento de Serguei Pankejeff, o Homem dos Lobos. Diante de uma severa resistência e estagnação da análise, o analista estipula um prazo fixo para o término do tratamento como manejo técnico. Essa pressão temporal desperta uma urgência subjetiva no paciente, o que reativa os processos associativos e traz à tona o célebre sonho dos sete lobos brancos. A partir desse relato, torna-se possível alcançar as cenas primárias da infância e interpretar os pontos fundamentais do Complexo de Édipo do sujeito.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) altera radicalmente as fronteiras da psicanálise com o contato direto com as neuroses de guerra. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud explica por que os soldados sobreviventes retornam incessantemente ao horror do front por meio de pesadelos e consolida o conceito de neurose traumática. A etiologia desse quadro reside no fator surpresa e no terror pela ausência de uma angústia-sinal preparatória, denotando que a concomitância de uma ferida física ou contusão, curiosamente, atua contra o surgimento do sintoma ao ajudar a ligar a excitação psíquica. Nesse cenário, o sonho na neurose traumática opera além do princípio do prazer, falhando em sua função de realização de desejo; fixado ao trau-

ma, o psiquismo repete a cena do acidente para tentar dominar retroativamente a inundação de estímulos que o pega de surpresa. O objetivo dessa repetição é produzir a angústia-sinal ausente no momento do evento, permitindo a ligação da libido e a transformação do trauma em representação simbólica.

A partir dessas descobertas, o trauma é redefinido sob uma perspectiva econômica:

excitações externas fortes o suficiente para romper a barreira de proteção contra estímulos, provocando uma perturbação massiva no gerenciamento de energia do organismo e mobilizando defensivamente todos os recursos do aparelho. Diante disso, a soberania do Princípio do Prazer é temporariamente suspensa; impõe-se, antes, a necessidade de ligar a energia livre para restituir a capacidade de simbolização e permitir que o sistema retome seu funcionamento regular. Assim, fundamenta-se o novo dualismo pulsional: as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Em *O Eu e o Id* (1923), Freud organiza o aparelho psíquico pelas instâncias Id, Eu e Supereu, regidas respectivamente pelos princípios do prazer, da realidade e da lei. Nesse momento, ocorre uma diferenciação: o reprimido possui representação e consegue acessar a consciência; no Id reside o recalcado, aquilo que é impossível de simbolizar por constituir conteúdo sem registro de memória ou palavra que, por essa razão, não acessa a consciência e só se manifesta através da compulsão à repetição. Assim, em seus textos finais *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), *Análise Terminável e Interminável* (1937) e *Construções em Análise* (1937), evidenciam-se os impasses clínicos que surgem da compulsão à repetição e da pulsão de morte. A partir disso, a técnica adota

uma nova postura: diante de um campo de expressões que não pode ser recordado, a clínica confere um destino simbólico aos fragmentos de memória, construindo uma narrativa que permite ao sujeito elaborar o trauma.

2. O trauma na teoria de Sándor Ferenczi

Os impasses clínicos e as limitações da interpretação clássica mobilizam Sándor Ferenczi, colaborador próximo de Freud entre 1908 e 1933. Sua experiência direta com as neuroses de guerra e a observação do manejo do prazo fixo no caso do Homem dos Lobos servem de base para a elaboração da técnica ativa (1919-1926). Tal disposição teórica reflete sua busca incansável por compreender e ultrapassar as resistências enfrentadas por certos pacientes.

Em *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria* (1919), Ferenczi depara-se com um desafio ao atender uma paciente histérica cuja análise encontra-se estagnada devido a uma forte transferência erótica. Diante desse impasse, o analista estipula um prazo fixo para o término do tratamento e, esgotado o período, dispensa a paciente sem que ela esteja curada; contudo, o retorno dos distúrbios faz com que o processo seja retomado. É nesse momento que ele percebe que a paciente mantém as pernas rigidamente cruzadas ao deitar-se no divã, configuração que denuncia uma forma de onanismo larvado. Essa postura funciona como escoadouro para a libido e produz prazer em dimensão inconsciente, o que impede a transformação da energia em material associativo e burla a regra da abstinência.

A partir dessa constatação, o autor adverte que “deve-se pensar na possibilidade de um onanismo larvado, assim como nos equivalentes masturbatórios e, desde que se observem os sinais, suprimi-los” (FERENCZI,

1919, p. 4). A contenção decorrente dessa proibição resulta em agitações que trazem à tona memórias traumáticas da infância e fazem avançar o tratamento analítico. Desse modo, para o manejo das resistências, adota-se uma intervenção ativa provisória, na qual o psicanalista abandona o papel passivo habitual para intervir diretamente nos mecanismos psíquicos do sujeito, ajudando-o a ultrapassar os pontos mortos do trabalho.

Em *Prolongamentos da técnica ativa* (1920), apresentado no VI Congresso da Associação Internacional de Psicanálise em Haia, Ferenczi reitera que sua proposta não visa subverter os pilares estabelecidos da psicanálise, mas reafirmar o compromisso com a associação livre, a interpretação e os princípios de abstinência e neutralidade. Sob essa ótica, a técnica ativa constitui uma ferramenta para provocar a atividade do sujeito, operando de forma oposta ao Princípio do Prazer, e superar inibições e resistências, o que favorece o processo associativo.

Esse manejo ganha corpo no atendimento de Elizabeth Severin, musicista croata com fobias e medos obsessivos, em particular a dismorfia corporal e o temor de tocar em público. Na análise, emerge uma música que sua irmã mais velha, figura autoritária, costumava cantar; diante disso, Ferenczi solicita que a analisanda cante e repita os gestos exatos da familiar. Ao imitar essa mímica, ela desbloqueia lembranças reprimidas sobre a gênese de sua timidez e ansiedade.

Para Ferenczi, a melhora clínica decorre da descoberta desse onanismo inconsciente, evidenciado por meio de uma estratégia que funciona em duas fases complementares: a primeira consiste na imposição de ordens para a realização de atos antes evitados por medo, o que,

apesar do desprazer inicial, faz com que o sujeito reconheça impulsos guardados como desejos prazerosos; a segunda estabelece proibições assim que tais ações geram ganho de prazer direto, forçando o aparelho psíquico a converter essa energia pulsional em trabalho de elaboração mnemônica para revelar a gênese do trauma.

Em *Fantasias Provocadas* (1924), Ferenczi observa que certos pacientes apresentam uma atividade fantasmática empobrecida, relatando cenas de grande intensidade emocional de forma gélida e desafetada. Para romper essa barreira defensiva, o analista intervém solicitando que o sujeito busque a reação adequada à situação ou, se necessário, invente uma reação fictícia. A partir desse manejo, o autor categoriza três tipos de fantasias provocadas: as de transferência (positivas e negativas), as relativas a lembranças infantis e as masturbatórias.

Essa técnica se ilustra no caso de um analisando extremamente inibido, no qual Ferenczi fixa um prazo para o término do tratamento na tentativa de forçar uma transferência negativa. O sujeito, porém, permanece dócil e paralisado; após insistência, emerge uma fantasia sexual em relação ao analista. Embora inicialmente interpretada como sucesso técnico, Ferenczi logo percebe o equívoco: o que parece uma fantasia sádica constitui, na verdade, uma doação masoquista, oferecendo uma resposta obediente à demanda do analista ativo.

A partir de tais impasses, Ferenczi publica *Contraindicações da técnica ativa* (1926), onde constata que a aceitação passiva de seus comandos sinaliza uma submissão traumática, e não colaboração. Compreende-se que a atividade técnica, ao propor o aumento da tensão psíquica mediante recusas e interdições, corre o risco de acirrar as resistências e incitar o Eu a uma oposição de-

fensiva. Assim, o autor ressalta que essas intervenções exigem condições estritas: transferência positiva solidamente estabelecida, aplicação nas fases finais da análise e condução por um analista experiente. Sem esse rigor, o manejo degenera em uma relação vertical de autoritarismo que repete mecanicamente os traumas infantis vividos com figuras de autoridade. Essa mudança de perspectiva é o que desloca a teorização do trauma de uma dimensão estritamente intrapsíquica pulsional para uma dimensão relacional.

Em *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1928), Ferenczi investiga até onde os padrões clássicos devem ser adaptados para atender às demandas de quem busca a análise. O autor critica a rigidez do posicionamento de muitos analistas, a qual atribui a resistências e questões contratransferenciais do próprio profissional. Por isso, reafirma a segunda regra fundamental: “quem quer analisar uma pessoa, deve primeiro se analisar”. Diante disso, o analista deve sustentar o tato psicológico, definido como a capacidade de sentir com o paciente para discernir o que, como e quando comunicar uma interpretação. Por fim, a sinceridade do analista destaca-se como fator fundamental para a cura, visto que o paciente é capaz de perceber a hipocrisia técnica, atitude que repete a desilusão traumática vivida na infância com os pais. Assim, a capacidade do profissional de reconhecer os próprios enganos possibilita a construção de uma relação de confiança e restaura a afetividade no setting.

A partir desse ponto, constrói-se a teorização que organiza o conceito de trauma exógeno. Em *Adaptação da família à criança* (1927), Ferenczi subverte a lógica pedagógica tradicional ao sugerir que o sistema familiar deve se adaptar à criança, obstáculo que reside na am-

nésia infantil dos pais, a qual impede a empatia com o psiquismo do filho. Embora o nascimento represente uma mudança drástica, o autor diverge das teorias que situam a gênese da neurose no “trauma do nascimento” de Otto Rank, postulando que o nascimento constitui uma experiência biologicamente preparada, rapidamente resolvida e amortecida pelo cuidado parental. Sob esse viés, os verdadeiros traumas derivam do ingresso da criança na cultura expressos no desmame, no aprendizado do asseio pessoal, na erradicação de “maus hábitos” e na transição para a vida adulta. Assim, para que tais exigências sociais se tornem estruturantes, e não patológicas, impõe-se a necessidade de acolhimento, tolerância e ofertas de sublimação.

Em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), investiga o aspecto do ambiente no qual a criança vem ao mundo sem ser bem-vinda ou para o qual o entorno não está preparado para se adaptar. Segundo Ferenczi:

“Todos os indícios sugerem que essas crianças perceberam, consciente ou inconscientemente, os sinais de aversão ou impaciência da mãe, o que acabou por quebrar sua vontade de viver. Na vida adulta, bastavam motivos relativamente pequenos para despertar nelas a vontade de morrer, mesmo que esta fosse compensada por uma força de vontade firme. Pessimismo moral e filosófico, ceticismo e desconfiança eram traços marcantes do caráter desses indivíduos, além de um certo infantilismo emocional.” (FERENCZI, 1929, p. 15).

A hipótese de Ferenczi baseia-se na premissa de que o bebê está próximo do estado inorgânico (“não-ser”). Como a pulsão de vida não é inata, mas desenvolvida por meio de um dispêndio de amor, ternura e cuidado, o

manejo clínico desses casos exige uma inversão técnica: impõe-se a necessidade de fortalecer o Eu e introduzir a pulsão de vida no setting antes de avançar em direção às exigências, frustrações e renúncias características da análise clássica.

Em *Confusão de linguagens entre o adulto e a criança* (1932), conferência apresentada na Associação Psicanalítica de Viena por ocasião do 75º aniversário de Freud, Ferenczi teoriza sobre os abusos e violações de crianças praticados por cuidadores. O autor postula que, embora haja um amor mútuo nessa dinâmica, ambos operam em registros distintos: enquanto a criança habita a linguagem da ternura e expressa seu afeto por meio de fantasias lúdicas, o adulto com predisposição psicopatológica interpreta esse movimento através da linguagem da paixão. Dessa forma, “esses adultos confundem as brincadeiras infantis com os desejos de uma pessoa sexualmente madura e se deixam levar pela prática de atos sexuais, desconsiderando as consequências devastadoras para o psiquismo em formação” (FERENCZI, 1932, p. 23). O trauma se desdobra em três tempos fundamentais: a situação de violência externa inicial, o subsequente relato para um segundo adulto de confiança e, por fim, o desmentido — momento em que esse ambiente falha novamente ao negar ou silenciar a realidade do ocorrido, estabelecendo o trauma. Sob esse impacto, o mecanismo de defesa que entra em ação é a identificação com o agressor, pelo qual o sujeito introjeta a culpa e os desejos intrusivos da figura opressora, gerando uma instância intrapsíquica. Como consequência, ocorre uma prematuração patológica e uma clivagem do Eu, na qual uma parte evita o traumático e a outra passa a ser gerida pela compulsão à repetição.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que as violências externas, institucionais e estruturais produzem, na dimensão intrapsíquica, um colapso econômico gerado pelo afluxo massivo de excitações que rompe a barreira antiestímulo. Por sua vez, desencadeiam, na dimensão relacional e diante do desmentido, um processo desestruturante marcado pela perda da capacidade do sujeito de confiar nas próprias percepções, o que resulta na clivagem do Eu: de um lado, o sujeito nega o ocorrido e mantém a linguagem da ternura; de outro, responsabiliza-se e identifica-se com o agressor. Essa articulação teórica é fundamental para compreender o empobrecimento da atividade fantasmática e as graves dificuldades de simbolização. Como subsídio para o manejo clínico, esse diálogo exige que o analista abandone a rigidez técnica em prol do tato psicológico e da elasticidade, de modo a evitar a retraumatização do paciente e a abrir espaço para a regressão, a elaboração e a integração das partes dissociadas do Eu.

Referências

- FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa (1894). In: FREUD, Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)**. Obras completas, volume 3. Tradução de Paulo César de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 49-67.
- _____. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)**. Obras completas, volume 2. Tradução de Paulo César de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 19-38.
- _____. A etiologia da histeria (1896). In: FREUD,

Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899)**. Obras completas, volume 3. Tradução de Paulo César de Souza. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 191- 231.

_____. **A interpretação dos sonhos** (1900). Obras completas, volume 4. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. Um caso de histeria, **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901-1905)**. Obras completas, volume 6. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-154.

_____. História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”] (1918 [1914]). In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Obras completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Obras completas, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

_____. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Obras completas, volume 16. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-33.

FERENCZI, Sándor. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria (1919). In: FERENCZI, Sándor. **Obras**

- completas psicanálise III.** Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise (1920). In: FERENCZI, Sándor. **Obras completas psicanálise III.** Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. Perspectivas da Psicanálise (1924) In: FERENCZI, Sándor. **Obras completas psicanálise III.** Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. Contraindicações da técnica ativa (1926). In: FERENCZI, Sándor. **Obras completas psicanálise III.** Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- FERENCZI, Sándor. **A adaptação da família à criança.** Tradução de Christiane Neusser Sichinel. Direção de Lucas Krüger. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025. 64 p. (Ferenczi – Traduções do original).
- _____. **A elasticidade da técnica psicanalítica.** Tradução de Lucas Krüger. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025. 78 p. (Ferenczi – Traduções do original)
- _____. **A criança mal acolhida e sua pulsão de morte.** Tradução de Lucas Krüger. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025. 68 p. (Ferenczi – Traduções do original)
- _____. **Confusão de linguagens entre os adultos e a criança.** Tradução de Lucas Krüger. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025. 64 p. (Ferenczi – Traduções do original).

MISOGINIA: um sintoma social ou uma patologia individual

Denise Aparecida Gomes Pereira¹

Resumo

O trabalho aborda a persistência alarmante da violência contra a mulher no Brasil, contextualizada por dados do Atlas da Violência 2025, que revelam a intersecção trágica entre patriarcado e racismo estrutural (com 67,1% das vítimas sendo mulheres negras). O objetivo central é investigar se a misoginia é um sintoma social ou uma patologia individual. O texto propõe um recuo histórico para entender a construção narrativa do feminino no Ocidente, majoritariamente elaborada pelo olhar masculino, gerando uma assimetria de poder histórica, conforme pontuado por Simone de Beauvoir, 2020. Utilizando a correspondência entre Freud e Einstein Por que a guerra? 2021, explora-se a visão freudiana de que a violência é o modo primordial de resolução de conflitos humanos. A organização social e o direito são formas de violência coletiva que buscam conter a força individual. A coesão comunitária gera um “mal-estar” inerente, equilibrando pulsões de vida (Eros) e de morte/agressão (Tânatos). Nesse contexto, a misoginia é apresentada não apenas como um sintoma individual, mas como uma violência cultural persistente que visa silenciar o feminino. O texto traça a evolução histórica da percepção da mulher, oscilando

¹ Psicanalista. Administradora de Empresas. Pós-graduada em Psicanálise. Núcleo de Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas. E-mail: deniseagp0903@gmail.com.

entre o sagrado e o pecado (Virgem vs. Eva), culminando na repressão vitoriana do século XIX. Nesse cenário, a histeria emergiu como uma forma de resistência do corpo feminino contra o silenciamento do desejo. Freud (2011), ao contrário da medicina de sua época que desacreditava essas pacientes, decidiu ouvi-las. Através do método catártico, hipnose – com Breuer – e, posteriormente, da criação da técnica de “associação livre”, Freud deu voz às mulheres, permitindo o nascimento da psicanálise e o entendimento da feminilidade como uma construção complexa, e não um destino biológico natural. Apesar de ter dado voz às mulheres inicialmente, o trabalho aponta que a teoria freudiana subsequente fomentou críticas por viés machista, especificamente através do conceito de “inveja do falo”. Essa perspectiva, segundo críticas contemporâneas – como Iaconelli (2023), uma narrativa cultural que postula a incompletude feminina e tenta domesticar a sexualidade da mulher, reduzindo seu prazer à maternidade (o filho como substituto do pênis). A autora ressalta que essa teorização deve ser entendida dentro do contexto sociocultural vitoriano de Freud. Na contemporaneidade, a subjetividade feminina é pressionada por demandas múltiplas (domésticas, laborais, acadêmicas) e por um “Ideal do Eu” inalcançável, que gera culpa, agravado por disparidades de gênero e raça. O texto reafirma que o lar, paradoxalmente, sendo o local de maior vulnerabilidade para as mulheres no Brasil. A conclusão do trabalho define a misoginia como um sintoma social enraizado, e não apenas uma patologia individual. Ela é alimentada por discursos falocêntricos históricos que objetificam ou demonizam o feminino, perpetuados hoje, inclusive, em escala industrial no ambiente digital. O enfrentamento dessa violência estrutural exige uma inter-

venção cultural que desloque a agressividade para laços sociais éticos, desconstruindo narrativas que naturalizam a barbárie e suportando a diferença sem transformá-la em objeto de ódio.

Palavras-Chave: Misoginia, Mulher, Violência, Histeria, Psicanálise

Introdução

A persistência da violência contra a mulher na contemporaneidade evoca questionamentos profundos sobre as raízes de um fenômeno que, embora secular, manifesta-se com alarmante atualidade. Longe de ser um evento normalizado, como a histórica “caça às bruxas”, a violência de gênero hoje assume contornos de feminicídios, abusos sexuais e agressões físicas e verbais, frequentemente acompanhados pela culpabilização da vítima. No Brasil, o cenário é crítico: dados do Atlas da Violência 2025 (IPEA) revelam que, entre 2013 e 2023, 47.463 mulheres foram assassinadas — uma média de 13 mortes diárias. Destas, 67,1% eram mulheres negras, evidenciando o entroncamento trágico entre o patriarcado e o racismo estrutural que vitima preferencialmente corpos negros.

Diante desse panorama, emerge o problema central deste estudo: a misoginia deve ser compreendida como um sintoma social ou uma patologia individual? O presente trabalho objetiva investigar tal questão partindo de um recuo histórico à antiga Mesopotâmia, analisando a percepção do feminino na cultura ocidental até a atualidade.

Sob a ótica da psicanálise, este trabalho percorre a natureza da violência humana e a “guerra contra a mulher”, resgatando a importância do estudo da histeria

por Sigmund Freud. Busca-se elucidar como a escuta das históricas permitiu o nascimento da psicanálise e, simultaneamente, discutir como conceitos fundamentais, a exemplo da “inveja do falo”, fomentaram críticas à teoria freudiana, muitas vezes rotulada como machista. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre a misoginia enquanto sintoma civilizatório, visando contribuir para novas narrativas que substituam a cultura do ódio por uma ética do cuidado e do reconhecimento do feminino.

1. A Violência e a guerra contra o feminino

Ao analisar a condição histórica da mulher, torna-se imperativo reconhecer que as narrativas que moldaram o feminino foram, majoritariamente, elaboradas pelo olhar masculino. Esta assimetria de poder evoca a reflexão de Simone de Beauvoir em sua obra clássica *O Segundo Sexo* (2020, p.20):

Toda a história feminina foi feita pelo homem. Assim como na América, não há problema com os negros, mas sim com os brancos; assim como o antissemitismo não é um problema judaico, é nosso problema; então o problema da mulher sempre foi um problema do homem.

Essa herança patriarcal deixa marcas profundas na atualidade, manifestando-se em conflitos que assolam nações e revelam fantasias de onipotência daqueles que detêm o domínio. Para compreender a gênese dessa violência, recorre-se a Freud 2021, que, em sua correspondência com Einstein intitulada *Por que a guerra?*, elucidada que a tranquilidade comunitária é uma construção teórica, visto que as comunidades são compostas por

elementos de poder desigual: “homens e mulheres, pais e filhos, e logo em consequência da guerra e da submissão, vencedores e vencidos, que se transformam em senhores e escravos” (FREUD, 2021).

Sob a ótica freudiana, a resolução de conflitos humanos reside, primordialmente, no uso da violência. Se inicialmente a força muscular determinava a obediência, a evolução tecnológica e intelectual substituiu o vigor bruto pelas armas. Contudo, o desenvolvimento social permitiu que “a maior força de um pudesse ser compensada pela reunião de muitos fracos”, transmutando a violência individual em direito — o que, em última análise, permanece sendo uma forma de violência pronta para coagir quem se oponha ao grupo (FREUD, 2021).

A coesão dessa comunidade depende de ligações afetivas baseadas no amor e na identificação, que sustentam o edifício social. Entretanto, essa organização gera um mal-estar inerente, pois os indivíduos abrem mão de seus desejos em favor da vontade do líder ou do grupo. Nesse jogo de forças, operam as pulsões de vida (Eros), que buscam conservar e unir, e as pulsões de morte ou agressão (Tânatos), que visam a destruição. Freud 2021 adverte que ambas são indissociáveis e que o prazer na agressão reside silenciosamente entre os motivos que levam os seres humanos à guerra.

Embora Freud aponte que “tudo o que estimula o desenvolvimento cultural também trabalha contra a guerra”, deparamo-nos com uma modalidade de conflito específica e persistente: a misoginia. O ódio direcionado à mulher, pelo simples fato de ser mulher, não é apenas um sintoma individual, mas uma violência que atravessa a cultura e busca perpetuar o silenciamento de vozes que historicamente tiveram seu “choro abafado”.

Portanto, investigar o cerne desse momento hostil, traçando uma linha do tempo desde os registros mais antigos para compreender as narrativas imputadas ao feminino. Ao desvelar como a trajetória da mulher foi manchada por visões externas, busca-se restituir o lugar da escuta e do direito à igualdade, confrontando a pulsão de destruição que ainda hoje tenta ditar o destino das mulheres.

A seguir, faremos uma breve contextualização histórica para ilustrarmos como a mulher foi descrita na civilização ocidental por séculos, seja pelo contexto bíblico ou político.

2. A narrativa histórica da mulher

A trajetória da mulher na civilização ocidental, conforme analisado, é marcada por um paradoxo: ora o feminino é sagrado e gerador, ora é a encarnação do pecado e da falta. Essa oscilação entre a Virgem — o ideal inatingível — e Eva — a carne perigosa — não foi apenas uma construção teológica, mas um mecanismo de controle que confinou o desejo feminino ao espaço doméstico e à função reprodutiva. (CAMPOS; WINOGRAD, 2022).

Ao chegar ao século XIX, essa “guerra” contra a subjetividade da mulher atinge o ápice da repressão sob a moral vitoriana. Se, como vimos, desde o Renascimento a mulher foi fixada no papel de “principal cuidadora da prole” por uma demanda de mão de obra futura, no tempo de Freud essa função era uma jaula social. O corpo feminino, limitado a “subordinar-se ao marido e dar à luz aos filhos com dor”, encontrou uma forma de resistência: a histeria (CAMPOS; WINOGRAD, 2022).

O que a medicina da época tratava como simulação ou degeneração orgânica era, na verdade, o sintoma de uma cultura que exigia o silenciamento do desejo. Se na Idade Média o “feminino representava a carne pecadora”, na modernidade freudiana esse conflito reaparece sob a forma de paralisias, tosses e amnésias sem explicação biológica. A violência aqui transborda o físico e se torna simbólica: a negação da singularidade feminina em favor de uma identidade de “esposa ideal”, moldada pela obediência de figuras como Sara (CAMPOS; WINOGRAD, 2022).

A grande virada ocorre quando Freud, subvertendo séculos de narrativas masculinas sobre as mulheres, decide ouvi-las. Ao dar lugar à “cura pela fala”, ele permitiu que o ponto de vista feminino emergisse sob as camadas de idealização e culpa acumuladas por milênios. Freud percebeu que a feminilidade não era um destino biológico natural, mas uma construção complexa e, muitas vezes, traumática.

Nesta narrativa, investigaremos como as histéricas de Freud — mulheres que foram atendidas por ele e que permitiram compreender melhor o psiquismo humano — desafiaram a lógica de que seus desejos estariam ligados exclusivamente a maternidade. Veremos que essas pacientes não eram apenas doentes, mas sujeitos em conflito com uma sociedade que lhes impedia de expressar sua sexualidade e agressividade, através de uma educação repressiva e moralista. (CAMPOS; WINOGRAD, 2022).

Através da psicanálise, o grito sufocado pela história começou, finalmente, a ser decifrado e é nesse contexto que trataremos a seguir o início da psicanálise, dando voz as mulheres da época.

3. O Início da psicanálise

A gênese da psicanálise remonta à década de 1880, em Viena, a partir das investigações clínicas do médico fisiologista Josef Breuer. Ele dedicou-se ao tratamento de uma jovem paciente que desenvolvera um quadro grave de histeria enquanto cuidava de seu pai enfermo. Embora tenha obtido êxito ao utilizar a hipnose — método ainda incipiente na época —, Breuer não publicou imediatamente seus resultados. Paralelamente, Sigmund Freud, influenciado pelos estudos de psiquiatras franceses como Charcot, Janet e Bernheim acerca das aflições histéricas mediadas pela hipnose (MCWILLIAMS, 2014), uniu-se a Breuer. Em 1893, ambos publicaram a comunicação preliminar intitulada *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*.

Naquele período histórico, a histeria feminina era cercada de descrédito pela comunidade médica. Sintomas como conversão, amnésia, paralisia motora, cegueira e crises de ansiedade eram frequentemente interpretados como simulação. Contudo, a colaboração entre Freud e Breuer revelou que tais fenômenos possuíam raízes psíquicas profundas. Com o tempo, os autores seguiram caminhos distintos. “Freud observou que, embora os sintomas regredissem com a catarse, o sucesso terapêutico era condicionado à qualidade da relação estabelecida com o médico; caso esse vínculo fosse perturbado, os sintomas reapareciam” (FREUD, 2011).

Ademais, a aplicabilidade do método catártico era limitada pela dificuldade de submeter todos os pacientes à hipnose profunda. Diante dessas limitações, “Freud decidiu abandonar a técnica hipnótica, utilizando as impressões colhidas anteriormente para fundamentar

um novo método”(FREUD, 2011). Recordando-se das demonstrações de Bernheim — que provavam que lembranças do estado sonambúlico permaneciam latentes e poderiam ser evocadas sob insistência médica —, Freud (2011) compreendeu que os pensamentos espontâneos dos pacientes eram frequentemente bloqueados por resistências e objeções internas, impedindo que chegassem à consciência.

Dessa percepção, surgiu a instrução fundamental de que o paciente deveria abdicar de qualquer atitude crítica, comunicando livremente o material psíquico que emergisse. Essa técnica, denominada “associação livre”, marcou o nascimento da psicanálise como arte da interpretação e estabeleceu uma nova dinâmica na relação analítica (FREUD, 2011). Em suma, a inquietude de Freud em otimizar o tratamento da histeria permitiu o desbravamento do psiquismo humano, legando bases teóricas que continuam a ser aperfeiçoadas por sucessores. Atualmente, entende-se que os sintomas histéricos clássicos foram incorporados a novas configurações clínicas, permanecendo no cerne de diversas patologias contemporâneas, conforme será detalhado adiante.

4. A Histeria

A histeria o nome vem do grego *hystéra*, que significa útero. Acreditava-se, na antiguidade, que a energia vital desse órgão se deslocava para outras regiões do corpo, causando os ataques. Até Charcot, a histeria era vista como uma loucura sexual feminina de origem uterina.

“Durante muitos séculos, a histeria estava pautada na ideia de que o diabo entrava no útero e desviava as

mulheres de suas funções divinas, que era a reprodução da espécie e o que nos remete ao fenômeno da caça as bruxas, que teve seu auge durante o final da Idade Média e no Renascimento, mas podemos afirmar que ainda persiste até os dias atuais em diferentes formas de manifestação, na medida em que a mulher se desvia do ideal imposto pela sociedade de mãe e esposa dedicada, são julgadas e condenadas, por instancias políticas, religiosas, médicas e social” (CAMPOS; WINOGRAD, 2022). Com o advento da internet, através das redes sociais esse fenômeno ficou ainda mais intenso e expressivo. A fixação no controle dos corpos e da sexualidade feminina nunca teve um fim.

Para a psicanálise, a histeria “é um quadro de sofrimento psíquico cujo paciente apresenta uma série de sintomas físicos e comportamentais de amplo espectro sem que se encontre uma causa orgânica justificável”. (MCWILLIAMS, 2014)

Freud considerava a repressão ou melhor o recalamento, um mecanismo atuante no desenvolvimento das neuroses, um tipo de amnesia, fenômeno que o motivou a criar toda uma teoria sobre a estrutura psíquica e sobre como podemos “esquecer” de coisas que “sabemos” em algum nível inacessível. As memórias reprimidas e seus afetos associados tornaram os primeiros objetos de estudos psicanalíticos, na sequência ele se voltou para o trauma, repressão de desejos, medos, teorias infantis e os afetos dolorosos e que manifestava-se através de sintomas como a paralisia motora, mutismo, cegueira entre outros (MCWILLIAMS, 2014).

Na atualidade pode-se afirmar que a histeria está no cerne de numerosos casos de anorexia nervosa, bulimia nervosa, síndrome da fadiga crônica, transtorno de sintomas somáticos, transtorno conversivo, fibromialgia,

transtorno de estresse pós-traumático, depressão, vaginismo, transtorno de personalidade borderline, agorafobia, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de ansiedade social, transtorno de identidade dissociativa entre tantos outros casos (FINK, 2024).

Mas se a teoria freudiana começou com essa necessidade de entender e ajudar mulheres que sofriam de histeria, na sequência ela se mostrou machista e misógina, uma vez que coloca o grande prazer da mulher reduzido a maternidade conforme elucidaremos a seguir, com o capítulo sobre a inveja do Falo.

5. A inveja do Falo

O conceito freudiano de inveja do falo postula que o amadurecimento psicosssexual feminino exigiria a renúncia à excitabilidade clitoridiana em favor da vaginalidade. Essa transição anatômico-fisiológica, contudo, é criticada por sustentar uma visão de incompletude biológica que alimenta o viés misógino na técnica. Segundo Iaconelli (2023), tal perspectiva constitui uma narrativa cultural travestida de biologia, operando sob uma lógica que inibe a sexualidade feminina para assegurar a soberania do desejo masculino.

Nesse cenário, o prazer autônomo da mulher, independente da penetração, representa um desafio à domesticação do corpo para o coito reprodutivo. Freud buscou solucionar o “enigma do desejo feminino” deslocando a satisfação sexual para a maternidade, onde o filho (preferencialmente homem) atuaria como o substituto simbólico do pênis faltante (IACONELLI, 2023). Essa teorização, entretanto, deve ser lida sob o rigor do contexto sociocul-

tural vitoriano em que a psicanálise foi estruturada.

Na contemporaneidade, o diálogo entre a psicanálise e a cultura revela a persistência de mecanismos de aniquilamento do feminino. A “queima” simbólica e literal das mulheres manifesta-se através do feminicídio, das violências sexuais e verbais, e da disparidade de oportunidades baseada no gênero. Tais fenômenos demonstram que o mal-estar na civilização ainda se organiza em torno da tentativa de capturar e subjugar o desejo que escapa à norma fálica.

A seguir traremos a condição feminina na atualidade traçando um panorama de como a subjetividade feminina ainda está longe de ganhar relevância e o pior a violência ainda é crescente contra as mulheres.

6. A Condição Feminina na Atualidade: Entre o Ideal do Eu e o Sintoma Social

A subjetividade feminina na modernidade ocidental é atravessada por uma multiplicidade de demandas que exigem da mulher o manejo concomitante da vida doméstica, laboral e acadêmica. Esse fenômeno de “equilibrar pratos” revela a pressão exercida pelo Ideal do Eu, construído sobre narrativas idealizadas que, ao serem inalcançáveis, frequentemente resultam em sentimentos de culpa e desvalia. No mercado de trabalho, essas barreiras tornam-se ainda mais intransigentes devido às disparidades de gênero e raça. A interseccionalidade evidencia que, para a mulher negra e com filhos, as oportunidades de ascensão profissional sofrem um afunilamento drástico, expondo as fissuras de uma estrutura que marginaliza quem se distancia dos padrões hegemônicos.

A formação do sujeito, indissociável da linguagem e das narrativas precedentes, é condicionada por modelos de massa, “cada indivíduo é uma parte constitutiva de muitas massas, é ligado de maneira multilateral por identificação e construiu seu Ideal do Eu segundo diversos modelos. (FREUD, 2011, pag. 92) .”

Nesse sentido, a misoginia, assim como o racismo e a homofobia, não deve ser compreendida apenas como uma patologia individual, mas como um sintoma social enraizado. Tais fenômenos atravessam a singularidade do sujeito, sendo alimentados por identificações coletivas que sustentam desigualdades históricas. No contexto da violência, observa-se frequentemente o deslocamento da responsabilidade para a vítima, uma manobra defensiva da cultura para preservar seus ideais em detrimento do sofrimento subjetivo.

A face mais arcaica e letal desse sintoma manifesta-se nos dados estatísticos. Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

[...] a persistência da violência contra as mulheres no Brasil segue sendo uma das expressões mais alarmantes das desigualdades de gênero no país. Os dados do sistema de saúde revelam números elevados de homicídios femininos e de agressões a mulheres, evidenciando a continuidade desse fenômeno estrutural (IPEA, 2025, p. 49).

Historicamente, o lar é misticamente associado ao acolhimento; todavia, a clínica e a sociologia revelam que o ambiente doméstico é, paradoxalmente, o local de maior vulnerabilidade para as mulheres no Brasil. O relatório mais recente do Atlas da Violência ratifica a urgência da desconstrução desse ciclo:

Ainda que tenhamos avançado no debate público sobre o tema, tornar visível o ciclo da violência contra a mulher e suas várias faces – das agressões à morte, e tudo o que vem antes e durante – continua sendo necessário e urgente. Os números nos dizem que os esforços, tanto do governo quanto da sociedade civil organizada, ainda são insuficientes e que o Brasil segue sendo perigoso para suas cidadãs (IPEA, 2025, p. 72).

Diante desse contexto vamos nos encaminhando para a conclusão, onde poderemos observar que fomos atravessados por um discurso que impera depreciação e a objetificação do feminino e que se trata de um discurso de toda uma civilização.

Conclusão

O presente trabalho percorreu uma breve narrativa histórica ocidental, evidenciando como a trajetória feminina foi predominantemente pautada por um discurso falocêntrico, onde a menina a partir da descoberta do órgão sexual masculino teria a chamada inveja do falo ou inveja do pênis. Desde a Antiguidade, observa-se a construção de um imaginário que incita a segregação, atribuindo à mulher a origem do mal e a marca da inferioridade. Tal perspectiva consolidou-se tanto em aspectos biológicos — vide o modelo do “sexo único” — quanto na transição para a teoria dos dois sexos entre os séculos XVIII e XIX. Embora a anatomia tenha ganhado nomes próprios, a subjetividade feminina permaneceu subjugada a estigmas de fragilidade, infantilidade e irracionalidade.

Essas narrativas operam como um sintoma social que atravessa as instituições religiosas e políticas,

cerceando direitos e impondo um ideal de feminilidade binário: a santificação (o ideal da Virgem Maria) ou a objetificação punitiva. Aquelas que escapam a essa captura pelo ideal do ego social são historicamente violentadas, como exemplificado pelo fenômeno inquisitorial das fogueiras na Idade Média.

A redução da mulher à representação do “mal” ou ao “lugar do resto” estrutura um discurso de ódio que, na contemporaneidade, ganha escala industrial por meio do ambiente digital. A adesão a esses grupos de ódio revela uma busca narcísica por pertencimento e identidade; o sujeito, ao não suportar o encontro com a alteridade e o desamparo, projeta no feminino a causa de seu mal-estar, ainda que isso resulte na aniquilação do outro.

Contudo, a aposta psicanalítica sustenta-se na premissa freudiana de que “tudo o que estimula o desenvolvimento cultural trabalha também contra a guerra”. O enfrentamento a essa violência estrutural exige uma intervenção na cultura que desloque a agressividade em direção a laços sociais mais erotizados e éticos. O combate a essa guerra histórica demanda uma ação conjunta entre sociedade e poder público para a desconstrução das narrativas que naturalizam a barbárie, convocando homens e mulheres à responsabilidade subjetiva na construção de uma cultura que suporte a diferença sem transformá-la em objeto de ódio.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- BRUCE, Fink. **Introdução clínica à psicanálise de**

- Freud:** técnicas para a prática cotidiana. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.
- CAMPOS, Taís Becker; WINOGRAD, M. **Feminilidade e maternidade na psicanálise**. Curitiba: Appris, 2022.
- FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 15: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Obras incompletas: cultura, sociedade, religião e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2025**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasda-violencia2025.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2026.
- MCWILLIAMS, Nancy. **Diagnóstico psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

O mal-estar na civilização hiperconectada e o supereu digital

Asafe Vaz Pereira¹

Resumo

O presente artigo propõe uma releitura do conceito freudiano de mal-estar na civilização à luz das transformações sociotécnicas contemporâneas, com ênfase na hiperconectividade digital. Partindo da formulação de Freud (1930), segundo a qual o sofrimento humano decorre da renúncia pulsional exigida pela cultura, investiga-se a hipótese de que, na contemporaneidade, esse conflito sofre uma reconfiguração significativa. O objetivo central consiste em analisar a emergência do supereu digital como forma atualizada de regulação psíquica, marcada pela exigência de desempenho, visibilidade e validação contínua. A pesquisa adota uma abordagem teórico-conceitual, articulando a psicanálise freudiana com contribuições da sociologia contemporânea, especialmente a noção de modernidade líquida em Bauman (2000), e com aportes clínicos relativos aos modos contemporâneos de

¹ Psicanalista Clínico, formado pela AEP (Vitória-ES), e Pneumapsicanalista, também pela AEP (Vitória-ES), com registro AEP-ES-155. Atua como psicoterapeuta familiar e de crianças, neuroterapeuta (FATEB) e terapeuta completo (FATEB). Possui formação em Terapia em Traumas Religiosos (SBPP20259033). Encontra-se finalizando o Bacharelado em Teologia pela Faculdade Faceten e é doutorando em Psicanálise Humanista pela HUA – Universidade Humanista das Américas.

subjetivação. Os resultados indicam que o ambiente digital não apenas media relações sociais, mas reorganiza a economia psíquica, intensificando a lógica da repetição e comprimindo a temporalidade do desejo. Conclui-se que o mal-estar contemporâneo não se estrutura exclusivamente a partir da repressão, mas também do excesso — de estímulos, de demandas e de exigências superegóicas. A psicanálise, nesse contexto, mantém sua relevância ao oferecer um espaço de simbolização que resiste à lógica performativa dominante.

Palavras-chave: supereu digital, hiperconectividade, mal-estar, subjetividade, clínica psicanalítica.

Introdução

A noção de mal-estar na civilização ocupa lugar central na teoria freudiana, designando o conflito estrutural entre as exigências pulsionais do sujeito e as restrições impostas pela cultura. Em sua formulação clássica, Freud (1930) demonstra que a organização social implica necessariamente a renúncia de satisfações imediatas, instaurando uma tensão permanente entre desejo e norma.

Entretanto, as transformações sociotécnicas das últimas décadas introduzem novos elementos nesse cenário. A expansão das tecnologias digitais e a consolidação de um ambiente hiperconectado reconfiguram não apenas as formas de interação social, mas também os modos de subjetivação. Nesse contexto, o digital deixa de ser um simples meio e passa a constituir um espaço estruturante da experiência psíquica.

Dados empíricos recentes (CGI.br, 2023) evidenciam a centralidade do ambiente digital na vida cotidiana.

na, sobretudo entre jovens, indicando que a mediação tecnológica tornou-se constitutiva do laço social. Paralelamente, autores como Bauman (2000) apontam para a crescente fluidez das relações na modernidade tardia, caracterizada pela instabilidade dos vínculos e pela fragilidade das referências simbólicas.

Diante desse cenário, coloca-se o seguinte problema: em que medida o mal-estar freudiano se transforma na civilização hiperconectada? Mais especificamente, como a lógica digital incide sobre o funcionamento do supereu e sobre a economia psíquica do sujeito contemporâneo?

Parte-se da hipótese de que o sofrimento psíquico atual não se organiza apenas em torno da repressão, mas também do excesso de estímulos, de demandas e de exigências de performance. Para desenvolver essa hipótese, o artigo articula teoria psicanalítica e análise crítica da cultura digital, propondo o conceito de supereu digital como operador teórico central.

1. Reconfigurações do mal-estar: da renúncia à saturação

Na perspectiva freudiana, o mal-estar decorre da renúncia pulsional necessária à vida em sociedade. A cultura, ao impor limites à satisfação, garante a convivência, mas produz insatisfação estrutural. Contudo, na contemporaneidade, observa-se uma inflexão nesse modelo. O sofrimento psíquico não se apresenta exclusivamente sob a forma da proibição, mas também da saturação. O sujeito encontra-se imerso em um campo de estímulos contínuos, marcado pela multiplicação de demandas e pela aceleração do tempo.

Essa mudança pode ser compreendida à luz da modernidade líquida (BAUMAN, 2000), na qual as estruturas sociais tornam-se instáveis e os vínculos se tornam frágeis e transitórios. No ambiente digital, essa fluidez é intensificada, produzindo uma experiência marcada pela dispersão e pela ausência de continuidade.

O excesso de possibilidades não se traduz em liberdade ampliada, mas frequentemente em angústia e paralisia. O sujeito é convocado a responder simultaneamente a múltiplas demandas, o que dificulta a elaboração psíquica e favorece formas de repetição. Nesse sentido, o mal-estar contemporâneo pode ser compreendido como efeito de uma dupla lógica: a da renúncia, ainda presente, e a da saturação, própria da hiperconectividade.

2. O supereu digital: da interdição à exigência

O supereu, em Freud, constitui-se como instância psíquica responsável pela internalização das normas culturais, operando por meio da culpa e da interdição. Trata-se de uma formação derivada do complexo de Édipo, que inscreve no sujeito a lei simbólica e regula sua relação com o desejo. No entanto, como o próprio Freud assinala, o supereu não se limita a proibir, possuindo uma dimensão paradoxal marcada por exigência e severidade excessivas (FREUD, 1930). Lacan (1959-1960) radicaliza essa formulação ao conceber o supereu como imperativo de gozo, isto é, uma instância que não apenas interdita, mas exige do sujeito um engajamento contínuo na satisfação.

Essa dimensão paradoxal torna-se particularmente evidente na contemporaneidade. Na cultura digital, ob-

serva-se uma transformação significativa dessa instância, que passa a operar menos pela interdição direta e mais pela incitação. O supereu não se limita a dizer “não deve”, mas passa a exigir: “deve mostrar-se”, “deve produzir”, “deve estar presente”. Em vez de restringir o gozo, ele o reorganiza sob a forma de desempenho contínuo.

Essa mutação pode ser compreendida como uma reconfiguração da economia superegóica no contexto da hiperconectividade. O imperativo contemporâneo não é apenas “não faça”, mas “faça mais”, “otimize-se”, “seja visível”, “não desapareça”. Trata-se de um deslocamento do regime da proibição para o regime da exigência, no qual o sujeito é convocado a sustentar uma atividade constante orientada pela lógica da performance.

A leitura de Bauman (2000) contribui para compreender esse cenário ao apontar a fragilização das referências simbólicas na modernidade líquida. Em um contexto marcado pela instabilidade dos vínculos e pela fluidez das relações, as formas tradicionais de regulação social tornam-se menos consistentes, favorecendo a emergência de modalidades difusas de controle e exigência. O supereu digital insere-se nesse cenário como uma instância descentralizada, operando através de múltiplos dispositivos e interações.

As plataformas digitais desempenham papel central nesse processo ao introduzir métricas de reconhecimento que transformam o valor simbólico em dados quantificáveis. Curtidas, visualizações e seguidores passam a funcionar como operadores de validação, reorganizando a relação do sujeito com o olhar do outro. Nesse sentido, o reconhecimento deixa de se sustentar prioritariamente na dimensão simbólica da linguagem e passa a ser mediado por indicadores numéricos, produzindo uma equivalência

entre valor subjetivo e desempenho mensurável.

Tal dinâmica intensifica o registro imaginário, na medida em que o sujeito passa a se relacionar com sua própria imagem a partir da resposta do outro mediada pela tela. O olhar do Outro, fundamental na constituição do sujeito, assume aqui uma forma multiplicada, difusa e permanente, operando sob a lógica algorítmica (LACAN, 1964).

Como consequência, o sofrimento psíquico desloca-se da culpa para a insuficiência. O sujeito não é mais apenas aquele que transgride a norma, mas aquele que não consegue corresponder às exigências de desempenho. A experiência subjetiva passa a ser marcada por um sentimento constante de inadequação, no qual qualquer produção parece sempre aquém do esperado.

Além disso, essa exigência contínua tende a eliminar a possibilidade de negatividade — isto é, de ausência, silêncio e recuo — elementos fundamentais para a constituição do desejo. Como observa Han (2015), a sociedade contemporânea transforma o sujeito em empreendedor de si mesmo, submetido a um regime de autoexploração que dispensa a coerção externa.

Nesse contexto, o supereu digital pode ser compreendido como uma instância que, ao invés de limitar o gozo, o intensifica de forma paradoxal, produzindo um circuito de exigência e frustração contínuas. Quanto mais o sujeito responde à demanda de desempenho, mais essa demanda se renova, configurando um movimento potencialmente infinito.

Dessa forma, o mal-estar contemporâneo não se articula apenas à repressão do desejo, mas à sua captura em uma lógica performativa, na qual o sujeito é simultaneamente agente e objeto de sua própria exigência. O

supereu digital, ao incitar o sujeito à produção incessante, torna-se operador central de uma economia psíquica marcada pelo excesso, pela repetição e pela exaustão.

3. Algoritmo, repetição e economia psíquica

A mediação algorítmica introduz uma nova dimensão na relação entre sujeito e cultura, ao operar como instância organizadora da experiência contemporânea. As ações do sujeito no ambiente digital — cliques, buscas e interações — são continuamente registradas e reorganizadas, produzindo um circuito de retroalimentação que não apenas responde às escolhas, mas também antecipa e orienta comportamentos futuros.

Do ponto de vista psicanalítico, esse funcionamento pode ser articulado à noção de compulsão à repetição. Freud (1920) demonstra que o sujeito tende a reiterar experiências não simbolicamente elaboradas, mesmo quando associadas ao desprazer. No ambiente digital, essa lógica adquire materialidade na repetição de gestos como rolar a tela, atualizar feeds e responder notificações, configurando um funcionamento orientado à redução da tensão psíquica.

Entretanto, diferentemente da repetição articulada à elaboração simbólica, essa repetição tende a operar no registro da descarga. O sujeito não se apropria de sua experiência por meio da linguagem, mas responde a ela de forma automatizada. Nesse contexto, o ato antecede a palavra, e a reação substitui a simbolização.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz das transformações contemporâneas do regime de subjetivação. Han (2015) aponta que a sociedade atual se organiza

em torno da lógica do desempenho, reduzindo o espaço da negatividade — isto é, do silêncio, da espera e da reflexão — fundamentais para a elaboração psíquica.

Além disso, a externalização da memória introduz uma transformação relevante na relação com o esquecimento. Freud (1915) já indicava que o esquecimento constitui uma operação psíquica essencial à elaboração. No entanto, no contexto digital, registros técnicos armazenam continuamente vestígios da experiência, que retornam sob forma de notificações e sugestões algorítmicas. Esse retorno tende a ocorrer de maneira literal, dificultando processos psíquicos como o luto e a separação. O sujeito é confrontado com conteúdos que reaparecem fora de seu tempo subjetivo, interferindo na possibilidade de elaboração.

Dessa forma, a economia psíquica contemporânea tende a se estruturar em torno de um circuito de estímulo e resposta, no qual a elaboração cede lugar à repetição. O algoritmo, embora não interprete o desejo no sentido psicanalítico, opera como um dispositivo que reforça circuitos de gozo ao correlacionar comportamentos passados e produzir sugestões alinhadas a eles. Assim, a repetição, que em Freud poderia abrir caminho para a elaboração, tende aqui a se fechar sobre si mesma, configurando uma economia psíquica marcada pela circularidade, pela saturação e pela dificuldade de simbolização.

4. Temporalidade do desejo e colapso da simbolização

A psicanálise atribui papel fundamental à temporalidade na constituição do desejo. Desde Freud (1900), compreende-se que o desejo não se reduz à satisfação

imediate de uma necessidade, mas se estrutura a partir da falta e do intervalo que separa o impulso de sua realização. Esse intervalo não é contingente, mas estruturante, pois é nele que se inscrevem a fantasia e a possibilidade de simbolização.

Lacan (1964) radicaliza essa concepção ao afirmar que o desejo se sustenta na falta, sendo efeito da relação do sujeito com o campo do Outro. Nesse sentido, o tempo do desejo não é o tempo cronológico, mas um tempo lógico, no qual a ausência, a espera e a mediação simbólica desempenham papel fundamental. A experiência do desejo implica, portanto, um intervalo que permite ao sujeito significar sua relação com o objeto.

O intervalo entre desejo e satisfação não constitui, assim, uma falha do funcionamento psíquico, mas uma condição de sua própria estrutura. É nesse tempo que o sujeito pode elaborar, simbolizar e construir sentido. A espera, longe de representar uma simples ausência, constitui o espaço no qual o desejo se organiza.

Entretanto, a cultura digital contemporânea introduz uma transformação significativa nesse regime temporal. A possibilidade de acesso imediato a conteúdos e interações promove uma compressão do intervalo entre impulso e resposta. O tempo da espera — essencial à constituição do desejo — tende a ser reduzido, favorecendo uma lógica de satisfação imediata.

Essa compressão da temporalidade implica uma reorganização da economia psíquica. A satisfação deixa de ser mediada pela simbolização e passa a operar sob a lógica da descarga. O sujeito não sustenta o desejo como falta, mas responde a ele por meio de ações rápidas e sucessivas, o que compromete a elaboração psíquica.

Tal dinâmica pode ser articulada à análise de Han

(2015), que descreve a sociedade contemporânea como marcada pela eliminação da negatividade. Elementos como ausência, silêncio e limite — fundamentais para o funcionamento psíquico — são progressivamente reduzidos em favor de uma positividade contínua, orientada pelo desempenho.

Nesse contexto, a dificuldade de sustentar o vazio torna-se central. Em termos lacanianos, trata-se da dificuldade de sustentar a falta como estruturante do desejo. O vazio, que deveria operar como condição simbólica, passa a ser vivido como algo a ser evitado. Diante dele, o sujeito recorre constantemente a estímulos externos, como forma de tamponar a falta.

Esse movimento compromete a capacidade de simbolização. O sujeito não elabora sua experiência, mas responde a ela por meio da ação. O silêncio — que poderia operar como espaço de produção de sentido — é rapidamente preenchido, impedindo a inscrição simbólica da experiência.

Do ponto de vista clínico, observam-se efeitos como fragmentação da atenção, dificuldade de concentração e descontinuidade do pensamento. A experiência subjetiva torna-se marcada por interrupções constantes, o que dificulta a sustentação do tempo necessário à elaboração.

Além disso, a compressão do tempo do desejo interfere na relação do sujeito com a frustração. A impossibilidade de sustentar a espera fragiliza o princípio de realidade descrito por Freud (1911), reduzindo a tolerância à falta e intensificando estados de ansiedade.

Como consequência, observa-se um empobrecimento da experiência subjetiva, caracterizado pela predominância de uma lógica de repetição e consumo. O

sujeito encontra-se imerso em um fluxo contínuo de estímulos que não se transformam em experiência, permanecendo no registro da excitação.

Dessa forma, o que se verifica na contemporaneidade não é apenas uma aceleração do tempo, mas uma transformação qualitativa da temporalidade psíquica. O tempo do desejo — estruturado pela falta e pela mediação simbólica — é substituído por um tempo imediato, orientado pela resposta rápida e pela supressão do intervalo.

Nesse cenário, o colapso da simbolização pode ser compreendido como efeito da dificuldade de sustentar a falta. Ao reduzir o tempo da espera, a cultura digital compromete a possibilidade de construção de sentido, produzindo uma subjetividade marcada pela dispersão, pela repetição e pela dificuldade de sustentar o desejo.

5. Implicações clínicas: entre repetição e esgotamento

Na clínica psicanalítica contemporânea, as transformações decorrentes da cultura digital manifestam-se sob a forma de sintomas específicos, tais como ansiedade, dispersão, dificuldade de concentração e dependência de estímulos externos. Esses fenômenos não configuram novas estruturas clínicas, mas expressam uma reorganização da economia psíquica, na qual a lógica da repetição assume papel central.

Freud (1920), ao introduzir o conceito de compulsão à repetição, demonstra que o sujeito tende a reiterar experiências não elaboradas simbolicamente. No contexto contemporâneo, essa repetição encontra novas

formas de expressão, mediadas pelos dispositivos digitais e pela dinâmica de estímulo-resposta que caracteriza a hiperconectividade. O sujeito não apenas repete, mas é continuamente reconduzido à repetição por um ambiente que reforça padrões de comportamento e consumo.

Nesse sentido, o sofrimento psíquico não se apresenta apenas como efeito da repressão — conforme descrito por Freud (1930) —, mas também como consequência da sobrecarga. O excesso de estímulos, informações e demandas produz um estado de saturação que dificulta a elaboração psíquica. O sujeito encontra-se exposto a múltiplas convocações simultâneas, sem dispor do tempo necessário para processá-las simbolicamente.

Essa condição favorece o surgimento de manifestações clínicas marcadas pela exaustão. Han (2015) descreve esse fenômeno como característico da sociedade do desempenho, na qual o sujeito se torna agente de sua própria exploração. A exigência contínua de produtividade e presença gera um estado de cansaço psíquico que não decorre da repressão, mas do excesso de positividade e atividade.

Do ponto de vista clínico, observa-se que muitos sujeitos relatam uma dificuldade crescente de sustentar o silêncio, o vazio e a continuidade da experiência. A necessidade constante de estímulos funciona como estratégia de regulação afetiva, ainda que precária. Em vez de elaborar a angústia, o sujeito a contorna por meio de ações repetitivas, como o uso contínuo de dispositivos digitais.

Essa dinâmica pode ser compreendida como um empobrecimento da função simbólica. A palavra, que na psicanálise ocupa lugar central como mediadora da experiência, é frequentemente substituída por atos imediatos.

O sujeito não narra sua experiência, mas reage a ela, o que dificulta a construção de uma história subjetiva coerente. Além disso, a fragmentação da atenção compromete a capacidade associativa, elemento fundamental para o trabalho analítico. A dificuldade de sustentar o pensamento ao longo do tempo interfere diretamente na possibilidade de elaboração, tornando a experiência psíquica mais descontínua e superficial.

Nesse contexto, o sujeito encontra-se frequentemente aprisionado em um circuito de repetição que intensifica o mal-estar. A tentativa de aliviar a tensão por meio da repetição acaba por reforçar o próprio circuito que a produz, configurando um movimento circular que dificulta a transformação da experiência. A psicanálise, diante desse cenário, desempenha um papel fundamental ao oferecer um espaço que se contrapõe à lógica da imediatividade. A clínica introduz um tempo distinto — não regido pela urgência, mas pela elaboração — no qual o sujeito pode transformar a repetição em palavra.

Esse deslocamento é central: ao possibilitar que o sujeito fale sobre aquilo que repete, a análise abre a possibilidade de simbolização. A repetição, que no registro da descarga se apresenta como fechamento, pode, no espaço analítico, tornar-se abertura para a construção de sentido.

Dessa forma, a clínica psicanalítica não se limita a tratar os sintomas contemporâneos, mas opera como um espaço de resistência à lógica performativa e acelerada da cultura digital. Ao sustentar o tempo da escuta, do silêncio e da elaboração, a psicanálise permite ao sujeito reconectar-se com a dimensão do desejo, rompendo parcialmente com os circuitos repetitivos que sustentam o mal-estar.

Conclusão

O presente artigo analisou a reconfiguração do mal-estar na civilização hiperconectada, evidenciando que o conflito entre desejo e cultura permanece estrutural, mas assume novas formas mediadas pela lógica digital. A emergência do supereu digital permite compreender que o sofrimento contemporâneo se desloca da repressão para o excesso e da culpa para a insuficiência. A hiperconectividade intensifica a repetição, fragiliza a simbolização e reorganiza a relação do sujeito com o desejo, inserindo-o em circuitos contínuos de exigência e desempenho.

Nesse contexto, o supereu digital pode ser compreendido como operador central de uma economia psíquica marcada pela exigência de gozo e pela impossibilidade de satisfação plena. A psicanálise, nesse cenário, mantém sua relevância ao sustentar um espaço de elaboração que resiste à lógica da imediatividade. Ao reintroduzir o tempo da palavra e da escuta, ela possibilita ao sujeito deslocar-se da repetição para a construção de uma relação singular com seu desejo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, Sigmund. ***O recalque***. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. ***Além do princípio do prazer***. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. ***O mal-estar na civilização***. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HAN, Byung-Chul. ***Sociedade do cansaço***. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

O MEDO DA CASTRAÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE

Tatiana Almendra Dutra¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de medo da castração na psicanálise, suas reformulações contemporâneas e suas articulações com as transformações sociais e de gênero. Busca-se compreender de que forma a dificuldade de aceitar a incompletude pode fragilizar o ego, intensificar mecanismos de defesa e dificultar a elaboração das mudanças sociais. A partir das formulações de Freud e de suas reformulações em Lacan, a castração é compreendida como um elemento importante na constituição do sujeito, ligado à aceitação da falta, dos limites e da existência do outro. O estudo também dialoga com autores contemporâneos dos estudos de gênero e da filosofia social, buscando compreender como mudanças culturais podem gerar angústias e resistências psíquicas. No que se refere à metodologia, a pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, baseada na análise de obras clássicas e contemporâneas das áreas de psicanálise clássica e contemporânea, além de contribuições da filosofia e dos estudos de gênero. Conclui-se que o medo da castração continua sendo um conceito relevante para compreender conflitos contemporâneos, especialmente

¹ Psicanalista em formação pelo NPP, Psicóloga, Doutora pela PUC-SP em administração de empresas, especialista em gestão de pessoas.

aqueles relacionados às mudanças nas relações de gênero e às dificuldades de lidar com diferenças e transformações sociais.

Palavras-chave: psicanálise; castração; gênero; contemporaneidade e subjetividade.

Introdução

As transformações sociais contemporâneas têm provocado mudanças importantes na construção da subjetividade, principalmente no que tange as relações de gênero, identidade e sexualidade. Observa-se um aumento dos debates sobre diversidade, desigualdade e reconhecimento social, evidenciando conflitos que envolvem aspectos políticos e culturais, mas também aspectos psíquicos. Com isso, a psicanálise pode contribuir para que se possa compreender como determinados conflitos sociais podem despertar angústias ligadas à perda, à falta e à dificuldade de lidar com mudanças.

O medo da castração ocupa lugar importante é um dos conceitos centrais da psicanálise. Esse conceito se relaciona com o desenvolvimento psíquico na infância, a internalização de regras sociais e com a formação do superego (FREUD, 1923/1996). Lacan, a partir de Freud amplia esse conceito entendendo a castração como uma condição simbólica, construída a partir da linguagem e destaca a impossibilidade de completude do sujeito, trazendo a falta como constituinte da condição humana (LACAN, 1985).

O mundo contemporâneo é constituído por mudanças rápidas e instabilidade social, aumentando a pola-

rização e as resistências dos indivíduos às transformações culturais. Essa questão se evidencia com as questões relacionadas ao gênero, que provocam reações intensas, evidenciando dificuldades em lidar com a diferença e com a perda de referências tradicionais. O medo da castração pode ser um conceito que auxilie na compreensão desses conflitos atuais, principalmente quando relacionado aos processos de identificação e ao poder.

O presente artigo tem como objetivo discutir o conceito de medo da castração na psicanálise, suas reformulações contemporâneas e suas articulações com as transformações sociais e de gênero. Busca-se compreender de que forma a dificuldade de aceitar a incompletude pode fragilizar o ego, intensificar mecanismos de defesa e dificultar a elaboração das mudanças sociais. No que se refere à metodologia, a pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, baseada na análise de obras clássicas e contemporâneas das áreas de psicanálise clássica e contemporânea, além de contribuições da filosofia e dos estudos de gênero.

1. O medo da castração

Na obra de Freud o conceito de castração ocupa um lugar central. Para Freud, o desenvolvimento da sexualidade infantil é marcado por conflitos relacionados ao desejo, autoridade e diferença sexual. O complexo de Édipo é um processo importante para a constituição psíquica, pois ajuda a construir a internalização da lei e formação do superego, apresentando o medo da castração como consequência da ameaça de perda diante dos desejos direcionados aos pais. (FREUD, 1905/1996)

A formação do superego, para Freud, depende de renunciar alguns impulsos e aceitar limites, para isso a criança precisa reconhecer que a atenção da mãe não é totalmente dela, que ninguém pode ocupar completamente o lugar de desejo do outro, aprendendo a lidar com a fantasia de completude. Com isso, a castração não representa apenas uma ameaça, mas se torna uma condição para que o indivíduo faça parte e internalize a cultura, sem passar por essa experiência de limite, o sujeito se depara com dificuldades em reconhecer o outro e lidar com frustrações. (FREUD, 1923/1996)

Quando a castração não é simbolicamente elaborada, o sujeito pode apresentar dificuldades na constituição de sua subjetividade. O fortalecimento de posições narcísicas podem ser consequências da dificuldade em lidar com a falta, levando-o a necessidade constante de controle, reconhecimento e validação. Nesse contexto o sujeito encontra maior dificuldade em aceitar frustrações, diferenças e limites impostos pela realidade, fragilizando o ego diante de mudanças, o que favorece respostas defensivas e intensas, como negação, projeção e idealização. A dificuldade de elaborar a castração pode também comprometer as relações sociais e afetivas, fazendo com que o sujeito vivencie o outro como ameaça, entendendo-o como rival ou objeto de confirmação narcísica, dificultando relações marcadas pela diferença. A impossibilidade de lidar com as faltas, em situações extremas, pode levar o sujeito para posições rígidas e intolerantes, em que qualquer transformação é percebida como risco de perda de identidade ou de poder simbólico. (FREUD, 1923/1996)

O fim do complexo de Édipo, para Freud, está diretamente relacionado com a angústia de castração,

quando o sujeito percebe que seus desejos não podem ser totalmente realizados, ele reorganiza suas identificações e suas relações sociais, ou seja, o medo da castração participa da construção da subjetividade e da inserção do indivíduo na ordem simbólica. (FREUD, 1924/1996)

Jacques Lacan amplia essa teoria ao colocar que a castração não está apenas no campo biológico mas também no simbólico. Para Lacan (1998), o sujeito é constituído pela linguagem e marcado por uma falta estrutural, isso significa que a experiência humana é atravessada pela impossibilidade de completude, o sujeito nunca consegue ser plenamente completo, pois sua identidade é construída na relação com a linguagem e com o desejo do outro.

Para Lacan (1985) a castração está relacionada à entrada do sujeito na linguagem, ao se tornar um ser falante, o indivíduo perde a possibilidade de uma satisfação total e passa a viver na falta, com isso, a angústia de castração pode ser entendida como o medo de entrar em contato com a própria incompletude. O sujeito pode buscar formas rígidas de identificação para evitar o sentimento de desamparo e incompletude, quando não aceita essa falta estrutural. Buscando por exemplo, a necessidade de certezas absolutas, sendo intolerante com as diferenças e demonstrando dificuldades em reconhecer a complexidade das relações humanas. Na tentativa de negar essa falta constitutiva que acompanha a existência do sujeito ele pode demonstrar um grande sofrimento psíquico.

Esses aspectos ajudam a entender os conflitos vividos na contemporaneidade. As mudanças sociais podem causar angústia porque levam as pessoas a questionarem crenças, valores e identidades que pareciam seguras. Diante dessas transformações, alguns sujeitos sentem

que estão perdendo estabilidade e reconhecimento. Dessa forma, a dificuldade em lidar com as mudanças pode estar relacionada à dificuldade de aceitar que ninguém é completo e que os limites, as faltas e as transformações fazem parte da vida.

2. O papel do gênero e sua evolução

As discussões contemporâneas sobre gênero provocaram importantes transformações nas formas de compreender identidade, sexualidade e relações sociais. Butler (2003) critica a ideia de que o gênero seja uma essência natural ou fixa, argumentando que ele é uma construção social, bem como os papéis por eles representados. Isso significa que masculinidade e feminilidade não são determinadas biologicamente, mas construídas historicamente por meio de normas culturais.

Essa perspectiva permite compreender que as identidades são instáveis e passíveis de transformação. Ao mesmo tempo, evidencia que mudanças nas relações de gênero podem gerar conflitos, especialmente quando questionam posições historicamente privilegiadas. Butler (2015) mostra que normas de gênero organizam formas de reconhecimento social, definindo quais identidades e comportamentos associados a elas, são consideradas legítimas ou aceitáveis.

Bourdieu (2014) contribui para essa discussão quando coloca a dominação masculina como uma estrutura simbólica reproduzida socialmente. Segundo o autor, determinadas formas de poder tornam-se naturalizadas, fazendo com que desigualdades sejam percebidas como normais. Com isso, na cultura vigente, a masculinidade tradicional frequentemente é associada à força, controle

e autoridade, enquanto o feminino é vinculado à passividade e à submissão.

Foucault (1988) também demonstra que sexualidade e gênero são atravessados por relações de poder. Para o autor, os discursos sociais produzem formas de subjetividade e regulam comportamentos considerados adequados e assim as identidades não existem de maneira independente das relações sociais, mas são construídas dentro de sistemas históricos de saber e poder.

As mudanças contemporâneas nas relações de gênero desafiam essas estruturas tradicionais e produzem reações diversas. Com isso, em muitos casos, a perda de privilégios simbólicos é vivenciada como ameaça. Kimmel (2017) coloca que parte das reações conservadoras atuais está relacionada à sensação de perda de referências masculinas tradicionais e essa experiência pode ser compreendida psicanaliticamente como dificuldade de elaborar a castração simbólica.

Ao mesmo tempo autores contemporâneos, como Roudinesco (2018), fazem um alerta para os riscos de identidades muito rígidas, pois embora a afirmação identitária seja importante para o reconhecimento social, a rigidez pode dificultar o diálogo e desencadear conflitos intensos. Sendo assim, a contemporaneidade traz um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de reconhecimento, também favorece polarizações e formas de exclusão.

3. Mecanismos de defesa, polarização e contemporaneidade

As transformações sociais contemporâneas impactam de forma significativa a vida psíquica, pois em

contextos de instabilidade e mudança, mecanismos de defesa tendem a ser intensificados como forma de proteger o ego da angústia. O recalque para Freud (1915/1996) é visto como um processo pelo qual conteúdos que são considerados ameaçadores são reprimidos e afastados da consciência. Outros mecanismos, como negação e projeção, também operam na tentativa de evitar o contato com conflitos internos. A negação permite que o sujeito se recuse a ver aspectos da realidade que provocam sofrimento. Já a projeção o sujeito atribui ao outro conteúdos que ele não consegue reconhecer em si mesmo.

Freud (2011), em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, explica que as pessoas tendem a se unir em grupos porque compartilham ideias, valores e formas semelhantes de ver o mundo. Essas identificações fortalecem o sentimento de pertencimento e aproximam os membros do grupo. Ao mesmo tempo, os grupos costumam definir sua identidade pela diferença em relação àqueles que não fazem parte deles. Dessa forma, o que é considerado diferente pode ser visto como uma ameaça à unidade do grupo. Por isso, muitas vezes a união entre seus membros é fortalecida pela exclusão ou rejeição simbólica daqueles que não compartilham das mesmas características, crenças ou comportamentos. Lacan (1998) complementa essa análise ao afirmar que o eu é constituído por identificações imaginárias marcadas por rivalidade.

Na contemporaneidade, as redes digitais intensificam essas dinâmicas. Han (2018) argumenta que o ambiente digital favorece respostas rápidas, impulsivas e polarizadas, dificultando espaços de elaboração simbólica. A lógica das redes frequentemente estimula relações marcadas pela intolerância e pela necessidade de confirmação identitária. Com isso, a polarização pode ser vis-

ta como tentativa de firmar uma identidade mais estável em um mundo muito incerto e em vez de reconhecer a complexidade das diferenças, muitos sujeitos recorrem a posições rígidas e polarizadas. A dificuldade de aceitar a falta e as diferenças contribui para a intensificação de discursos violentos e para o enfraquecimento do diálogo.

Além disso, autores como Benjamin (1995) destacam que relações marcadas pela dominação dificultam o reconhecimento mútuo entre os sujeitos. Para a autora, a construção de vínculos saudáveis depende da capacidade de reconhecer a autonomia do outro sem entendê-la como uma ameaça. Para Winnicott (1983) as relações e como elas são construídas é fundamental na constituição do self, pois o desenvolvimento emocional saudável depende da presença de relações suficientemente seguras e acolhedoras, principalmente nos primeiros vínculos da infância. É nesse ambiente que o sujeito aprende, de forma gradual, a lidar com frustrações, limites e ausências sem sentir que sua existência psíquica está ameaçada.

Para Lacan (1985), a castração está ligada à entrada do sujeito na linguagem. Quando ele aprende a falar e se relacionar com os outros, o indivíduo percebe que não pode ter tudo o que deseja e que a satisfação completa não é possível. Neste sentido, a angústia de castração pode ser o medo de entrar em contato com a própria falta e incompletude. Quando o sujeito tem dificuldade em aceitar essa condição, pode buscar certezas absolutas e formas rígidas de pensar para evitar sentimentos de insegurança e desamparo, levando-o a ter dificuldade em aceitar diferenças, lidar com opiniões contrárias e compreender a complexidade das relações humanas. O sujeito pode experimentar intenso sofrimento quando tenta negar essa falta que faz parte da condição humana.

Esses aspectos ajudam a compreender os conflitos da sociedade contemporânea, pois as mudanças sociais frequentemente provocam angústia porque colocam em questão valores, crenças e formas de identificação que pareciam estáveis. Diante dessas transformações, muitas pessoas podem sentir que estão perdendo segurança, reconhecimento ou referências importantes para sua identidade. Com isso, a dificuldade em aceitar mudanças pode estar relacionada à dificuldade de reconhecer que os limites, as faltas e as transformações fazem parte da vida. Quando essa aceitação não acontece, podem surgir atitudes de resistência para lidar com essas diferenças e sofrimento diante de tudo aquilo que desafia as certezas já estabelecidas.

4. Ativo, passivo, linguagem e diferença

As categorias de ativo e passivo foram historicamente associadas às diferenças de gênero e frequentemente organizadas de maneira hierárquica. Derrida (2005) critica os binarismos presentes no pensamento ocidental, mostrando que pares opostos como masculino/feminino e ativo/passivo não são neutros, mas atravessados por relações de poder.

Essa crítica permite compreender que as diferenças não precisam ser organizadas em estruturas rígidas. Deleuze (2006) propõe a noção de multiplicidade para pensar identidades de maneira dinâmica, rompendo com classificações fixas. Dessa forma, ativo e passivo deixam de ser posições naturais e passam a ser compreendidos como lugares simbólicos e relacionais. Hora um é o ativo, hora o outro assume essa posição, elas podem ser móveis e mais fluidas de acordo com as dinâmicas da dupla em questão.

Na psicanálise lacaniana, a sexualidade não é determinada biologicamente, mas organizada a partir da linguagem e da relação com a falta. Lacan (1985) afirma que não existe complementaridade plena entre os sexos, pois toda relação é atravessada pela incompletude. Isso significa que ativo e passivo não correspondem diretamente ao sexo biológico, mas a posições simbólicas no campo do desejo.

Héritier (1996) mostra que, em muitas sociedades, o masculino recebe mais valor social do que o feminino. Por isso, diferenças entre homens e mulheres acabam se transformando em desigualdades. Butler (2003) amplia essa discussão ao afirmar que as ideias sobre gênero são construídas socialmente e influenciadas pela cultura e pela história. Assim, características consideradas masculinas ou femininas não são naturais nem permanentes, podendo mudar ao longo do tempo e variar entre diferentes sociedades.

Connell (2013) afirma que não existe apenas uma forma de ser homem. As masculinidades são diversas e dependem do contexto social, cultural e histórico. No entanto, algumas formas de masculinidade são mais valorizadas do que outras. A chamada masculinidade hegemônica costuma estar associada a características como força, autoridade, independência, competitividade e controle das emoções. Esse modelo acaba servindo como referência para avaliar os homens, fazendo com que aqueles que não se encaixam nesse padrão sejam vistos como menos masculinos ou menos valorizados. Além disso, essa visão também contribui para a desvalorização de características associadas ao feminino, reforçando desigualdades de gênero. Com isso, Connell demonstra que a masculinidade não é algo natural, mas uma construção social influenciada pelas relações de poder presentes em cada sociedade.

Autores contemporâneos da psicanálise também questionam a rigidez dessas categorias. Laplanche (1999) entende a sexualidade humana como algo marcado por mudanças, deslocamentos e diferentes possibilidades de identificação. Benjamin (1995), por sua vez, propõe uma visão relacional em que características como atividade e receptividade não pertencem exclusivamente a homens ou mulheres, podendo existir de forma compartilhada nas relações humanas. Winnicott (1983) coloca que o amadurecimento emocional depende da capacidade de o sujeito transitar entre diferentes posições subjetivas ao longo das relações, pois para o autor, o funcionamento psíquico saudável não é marcado pela rigidez, mas pela flexibilidade emocional e pela possibilidade de adaptação diante das experiências da vida e do encontro com o outro. Ou seja, o sujeito precisa conseguir ocupar posições de maior atividade, iniciativa e autonomia, mas também ser capaz de reconhecer situações de dependência, vulnerabilidade e receptividade, não precisamos ser uma coisa só, embora socialmente falando há uma resistência cada vez maior em demonstrar fragilidades para o outro.

Dessa forma, para construir relações mais saudáveis, é importante que o sujeito reconheça as diferenças e compreenda que o outro possui desejos, sentimentos e limites próprios. Quando uma pessoa fica presa de maneira rígida aos papéis de ativo ou passivo, pode ter mais dificuldade para desenvolver relações equilibradas. Nesses casos, os vínculos podem ser marcados por controle excessivo, submissão ou dependência, dificultando trocas mais recíprocas e respeitadas. A flexibilidade para ocupar diferentes posições nas relações favorece experiências mais ricas, maduras e satisfatórias.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo discutir o conceito de medo da castração na psicanálise, suas releituras na contemporaneidade e sua relação com as transformações sociais e de gênero. Buscou-se compreender como a dificuldade de aceitar limites, perdas e a própria incompletude humana pode gerar sofrimento, fortalecer mecanismos de defesa e dificultar a aceitação das mudanças que acontecem na sociedade.

Ao longo do trabalho, foi possível relacionar conceitos da psicanálise com questões de gênero, poder e mudança social. Embora o conceito de castração tenha sido desenvolvido por Freud para explicar aspectos do desenvolvimento psíquico, ele continua sendo útil para compreender muitos fenômenos atuais. Quando pensado de forma ampliada, o medo da castração ajuda a entender as dificuldades que muitas pessoas encontram para lidar com mudanças e com aquilo que desafia suas certezas.

Para Freud (1923; 1924), o medo da castração está ligado à formação da personalidade e à capacidade de viver em sociedade. Esse processo envolve aprender que nem todos os desejos podem ser realizados e que existem regras e limites que precisam ser respeitados. A aceitação desses limites contribui para o desenvolvimento emocional e para a convivência com os outros. Quando isso não acontece de forma satisfatória, a pessoa pode apresentar maior dificuldade para lidar com frustrações, perdas e situações de mudança.

Lacan (1985; 1998) amplia essa discussão ao afirmar que a falta faz parte da condição humana. Segundo o autor, ninguém é completo ou plenamente satisfeito. Dessa forma, a castração pode ser entendida como o re-

conhecimento de que sempre existirão limites e impossibilidades. Essa ideia ajuda a compreender por que mudanças costumam gerar angústia. Mudar exige abrir mão de antigas referências, enfrentar incertezas e construir novas formas de compreender a realidade.

As transformações nas relações de gênero também podem ser analisadas a partir dessa perspectiva. Butler (1990; 2004) mostra que o gênero não é algo natural ou fixo, mas uma construção social produzida ao longo da vida. Isso significa que as formas de ser homem, mulher ou de expressar a identidade de gênero podem variar de acordo com o contexto histórico e cultural. Essa compreensão desafia modelos tradicionais e mostra que as identidades estão em constante transformação.

As contribuições de Bourdieu (1998) e Foucault (1976) ajudam a entender que as experiências individuais também são influenciadas pelas relações de poder existentes na sociedade. Nesse sentido, o machismo estrutural pode ser compreendido como um sistema que historicamente colocou os homens em posições privilegiadas. Com os avanços das pautas de igualdade de gênero, algumas pessoas podem perceber essas mudanças como uma ameaça aos lugares de poder que antes ocupavam. Essa sensação pode despertar insegurança e resistência.

Essa questão aparece nas análises de Kimmel (2013), que descreve como alguns homens vivenciam as mudanças sociais como uma crise de identidade. Muitas vezes, referências tradicionais sobre masculinidade deixam de oferecer a segurança que ofereciam no passado. Do ponto de vista psicanalítico, essa dificuldade pode estar relacionada à resistência em aceitar limites, diferenças e a autonomia do outro. Como consequência, surgem

mecanismos de defesa que ajudam a evitar o contato com sentimentos de insegurança e angústia.

A polarização social também pode ser compreendida a partir dessas ideias. Freud (1921) afirma que os grupos se fortalecem por meio de identificações compartilhadas, criando sentimentos de pertencimento entre seus membros. Ao mesmo tempo, frequentemente definem sua identidade pela oposição àquilo que consideram diferente. Lacan (1998) acrescenta que o eu se constrói por meio de identificações e comparações com os outros. Han (2018) coloca que na atualidade as redes sociais intensificam isso, favorecendo posições mais rígidas e menos abertas ao diálogo e com isso, a polarização pode funcionar como uma tentativa de reduzir a insegurança diante das mudanças e incertezas da vida contemporânea.

Nesse contexto, os mecanismos de defesa desempenham um papel importante. Freud (1900; 1915; 1925) explica que eles ajudam o indivíduo a lidar com conflitos e angústias. A negação pode aparecer quando alguém se recusa a reconhecer mudanças sociais; a projeção ocorre quando características indesejadas são atribuídas aos outros; e a racionalização surge quando posições rígidas são justificadas por argumentos aparentemente lógicos. Esses mecanismos mostram que a resistência às mudanças não acontece apenas no plano das ideias, mas também envolve aspectos emocionais e inconscientes.

Roudinesco (2018) observa que embora o reconhecimento das identidades seja fundamental para a conquista de direitos e visibilidade social, existe o risco de que identidades muito rígidas dificultem o diálogo e a convivência com as diferenças. Assim, um dos desafios da contemporaneidade é encontrar formas de afirmar

identidades sem transformar as diferenças em barreiras intransponíveis.

Já Benjamin (1995) e Winnicott (1965) destacam que o desenvolvimento humano depende da capacidade de reconhecer o outro como alguém diferente de si, mas igualmente legítimo. Relações mais saudáveis são construídas quando existe espaço para o diálogo, para o respeito às diferenças e para o reconhecimento mútuo.

Diante dessas reflexões, pode-se afirmar que o medo da castração continua sendo um conceito importante para compreender questões contemporâneas. Mais do que um momento do desenvolvimento infantil, ele pode ser entendido como uma dificuldade humana diante da perda, dos limites, das mudanças e da diferença. Sua manifestação é influenciada tanto por fatores psíquicos quanto por aspectos sociais, culturais e históricos.

Por fim, conclui-se que muitas das tensões observadas atualmente estão relacionadas à dificuldade de aceitar que nem tudo pode ser controlado e que a convivência com o diferente faz parte da vida em sociedade. Construir relações mais democráticas e menos polarizadas exige não apenas mudanças sociais, mas também um trabalho subjetivo de aceitação dos próprios limites e do reconhecimento do outro. Nesse sentido, aceitar a incompletude humana não representa uma fraqueza, mas uma condição necessária para o desenvolvimento de relações mais flexíveis, éticas e abertas ao diálogo.

Como continuidade deste estudo, sugerem-se pesquisas que aprofundem a relação entre psicanálise e estudos de gênero em diferentes contextos sociais. Também são importantes investigações sobre como os mecanismos de defesa atuam diante das mudanças contemporâneas e sobre os efeitos da polarização, das redes sociais

e das novas formas de construção da identidade. Esses estudos poderão contribuir para uma compreensão mais ampla dos desafios atuais e das possibilidades de construção de relações sociais mais inclusivas e menos marcadas pela exclusão e pelo conflito.

Referências

- BENJAMIN, Jessica. **The bonds of love: psychoanalysis, feminism, and the problem of domination**. New York: Pantheon Books, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Original de 1998.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Original de 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Original de 1990.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Original de 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006. Original de 1968.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2005. Original de 1967.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Original de 1976.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original de 1900.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro:

- Imago, 1996. Original de 1924.
- FREUD, Sigmund. A negação. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original de 1925.
- FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original de 1923.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. Recalque. In: FREUD, Sigmund. **Metapsicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Original de 1915.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HÉRITIER, Françoise. **Masculino/feminino**: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- KIMMEL, Michael. **Homens brancos irritados**: masculinidade americana no fim de uma era. São Paulo: Vestígio, 2017. Original de 2013.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018. Original de 2008.
- ROUDINESCO, Élisabeth. **O eu soberano**: ensaio sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983. Original de 1965.

Programa
18º Encontro do Saber
Psicanalítico

18º Encontro do Saber Psicanalítico

AS TRAVESSIAS CLÍNICAS DO SUJEITO

08/05/2026

Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas - NPP

14h – ABERTURA - Dra. Araceli Albino

14h10 às 17h - FORÚM TEMÁTICO (PRESENCIAL):

**PSICOPATOLOGIAS, ESTRUTURAS CLÍNICAS E
SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS**

Coordenador: Tania Maria dos Santos

14h10 às 17h - FORÚM TEMÁTICO (PRESENCIAL):

TEORIAS E PRÁTICAS PSICANALÍTICAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS

Coordenador: Gregor Osipoff

14h10 às 17h - FORÚM TEMÁTICO (ONLINE):

TEORIAS E PRÁTICAS PSICANALÍTICAS CLÁSSICAS E CONTEMPORÂNEAS e PSICOPATOLOGIAS, ESTRUTURAS CLÍNICAS E SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

Coordenador: Marcelo Barreiros

17h – Mesa: Práticas Clínicas Contemporâneas

Palestrantes:

- Gregor Osipoff - Luta Antimanicomial e a Psicanálise: entre o Silêncio e a Escuta
- Marcelo Barreiros - Criança sem tempo, adulto sem lugar: adultização e infantilização sob a perspectiva psicanalítica
- Talissa Violim - A dor que pede testemunho: Ferenczi e a clínica do sofrimento traumático
- Thais Negrisoni Vellecico - Ansiedade: sintoma, medo, inibição?

Mediador(a): Tatiana Almendra Dutra

09/05/2026

LEQUES BRASIL HOTEL

7h45 às 8h – ENTREGA DE MATERIAL

- Dra. Araceli Albino e Diretoria do SINPESP

8h15 às 09h10 – LANÇAMENTOS DE LIVROS

Autores e Livros:

Psicanálise e a Luta Antimanicomial: Entre o silêncio e a escuta nos tratamentos das Psicoses, das Pessoas com Deficiência Intelectual e do Consumo de Substâncias
Gregor Osipoff

Deslocados: Adultização e Infantilização sob o prisma psicanalítico
Marcelo Barreiros

A Clínica da Perversão: e um Caso Clínico de Fetichismo
Gilberto Lopes

9h10 às 10h - PALESTRA

Palestrante: Bianca Ballesteros

Tema: O papel do analista na clínica Psicossomática

Mediador(a): Tatiana Almendra Dutra

10h às 10h20 - COFFEE BREAK

10h30 às 11h20 – PALESTRA:

Palestrante: Najla Gergi Krouchane

Tema - As Travessias do Desejo: Pluralidades de Gênero e Sexualidade

Mediadora: Tania Maria dos Santos

11h30 às 12h30 – PALESTRA:

Palestrante: Walber Cruz

Tema: Medicalização na clínica psicanalítica: necessidade e banalização

Mediador(a): Gregor Osipoff

12h30 às 14h00 – ALMOÇO

14h às 15h30 – Mesa: As Travessias Clínicas do Sujeito

Palestrantes:

- Alexandros Methenitis - A travessia do trauma na Clínica Psicanalítica: Escuta, tempo e a busca pela elaboração
- Elizandra Souza - Diagnósticos x Transtornos: o lugar do psicanalista

- Patricia Braz - Do Esvaziamento ao Encontro: A Psicanálise como Restauradora do Eu
- Rodrigo Euripedes - Psicanálise e Envelhecimento: A travessia do Tempo

Mediador(a): Marcelo Barreiros

15h30 às 16h30 - PALESTRA:

Palestrante: Dr. Paulo Unzer

Tema: Horizontes para a terapia psicanalítica

Mediador(a): Araceli Albino

16h30 às 16h50 – COFFEE BREAK

16h50 às 18h20 – PALESTRA

Palestrante: Dr. Alfredo Simonetti

Tema: A DIREÇÃO DO TRATAMENTO: estratégias na condução de uma análise ou os caminhos da travessia

Mediadora: Patricia Braz

18h20 às 19h20 – WORKSHOP: As travessias do grupo
vida – a dinâmica da psicose

Dra. Araceli Albino

Me. Maria Tereza Mendonça de Barros

19h30 - ENCERRAMENTO

ANAIS



18º ENCONTRO DO SABER PSICANALÍTICO



As travessias clínicas do sujeito